

**Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAn**

Viviane Cajusuanaima Rocha

**ÄDEEJA: SOBERANIA ALIMENTAR DO POVO YE'KWANA**

Belo Horizonte

2021

Viviane Cajusuanaima Rocha

## **ÄDEEJA: SOBERANIA ALIMENTAR DO POVO YE'KWANA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Karenina Vieira Andrade.

Belo Horizonte

2021

|               |  |
|---------------|--|
| 306           | Rocha, Viviane Cajusuanaima.   |
| R672a<br>2021 | <p data-bbox="507 1339 1209 1368">Ädejea [manuscrito] : soberania alimentar do povo Ye'kwana /</p> <p data-bbox="469 1368 895 1397">Viviane Cajusuanaima Rocha. - 2021.</p> <p data-bbox="507 1413 576 1442">107 f.</p> <p data-bbox="507 1458 943 1487">Orientadora: Karenina Vieira Andrade.</p> |
|               | <p data-bbox="469 1559 1214 1615">Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p>  |
|               | <p data-bbox="512 1648 719 1682">Inclui bibliografia.</p>  |
|               | <p data-bbox="469 1738 1287 1861">1. Antropologia - Teses. 2. Indigenas – Teses. 3. Etnologia – Teses. 4. Índios Ye'kwana - Teses. 5. Alimentação - Teses. I. Andrade, Karenina Vieira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>      |



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE VIVIANE CAJUSUANAIMA ROCHA (MATRÍCULA N.º 2018685346)**

Aos 18 (dezoito) dias do mês de maio de 2021 (dois mil e vinte e um), reuniu-se em ambiente virtual, às 14 hs pelo canal do Youtube PG-ANTROPOLOGIA UFMG, a Comissão Examinadora para julgar em exame final a dissertação intitulada: “*ÁDEEJA: SOBERANIA ALIMENTAR DO POVO YE'KWANA*”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, área de concentração: Antropologia Social - linha de pesquisa: Etnologia Indígena e de Povos Tradicionais. A Comissão Examinadora foi composta pelas professoras doutoras: Karenina Vieira Andrade – (PPGAn/UFMG) – Orientadora; Alcida Rita Ramos (Universidade de Brasília) e Isabella Coutinho Costa (Universidade Estadual de Roraima). Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Karenina Vieira Andrade, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra a mestranda Viviane Cajusuanaima Rocha para apresentação da sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelas examinadoras, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição das examinadoras, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 18 de maio de 2021.

Membros da Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Karenina Vieira Andrade - Orientadora

Profa. Dra. Alcida Rita Ramos

Profa. Dra. Isabella Coutinho Costa



Documento assinado eletronicamente por Karenina Vieira Andrade, Professora do Magistério Superior, em 18/05/2021, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Isabella Coutinho Costa, Usuário Externo, em 18/05/2021, às 19:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Alcida Rita Ramos, Usuário Externo, em 19/05/2021, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho de pesquisa a minha yaaya, Amelia Seduume, que é uma grande sábia de Wätunna ye'kwana, que conhece muito dos aichudi (os cantos tradicionais ye'kwana), por ela saber de muitas wätunnä, nossas histórias tradicionais.*

*Dedico também ao meu pai Tomé Luiz Rocha, que sempre me apoiou, e a todos os meus irmãos, pelo amor que sentimos uns pelos outros, principalmente meu irmão Mauricio Tome Rocha.*

*Dedico também a meu grande amigo e companheiro, Camilo Magalhães, por ter me apoiado durante minha pesquisa, e aos meus filhos Calvin Etayuuwe Rocha Magalhães e Caemy Tajäädemiyu Rocha Magalhães, por me darem muito amor.*

*Também dedico a todos os sábios ye'kwana, inchonkomo e no'sankomo, pelo compartilhamento dos seus conhecimentos.*

*Dedico especialmente a yaaya Karenina Vieira Andrade, por ter compartilhado seu amor e sua amizade e comidas do Yadaanawi. E ter me mostrado meu caminho.*

*A todos que contribuíram para realização deste trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à força do espírito da natureza, em que acreditamos através da cosmologia de *wätunnä*.

Agradeço aos sábios do meu povo Ye'kwana da comunidade *Fuduwaaduinnha*, que de alguma forma compartilharam seus conhecimentos de *Wätunnä*, principalmente a sábia *yaaya* Amélia Seduume, que me mostrou seus conhecimentos que abriram o meu pensamento.

Agradeço à minha família, que sempre me apoiou, ao meu pai Tomé Luiz Rocha, por ter sido o primeiro que pensou em criar a escola ye'kwana, pois através dela pude aprender a ler e escrever. Sem ela não estaria aqui onde cheguei. Agradeço a meus irmãos Mauricio Tomé Rocha, por ter sempre me apoiado, e minha irmã Marciane, por ter me dado apoio cuidando da minha pequena Caemy quando eu estava nas aulas, meu irmão Márcio Rocha por sempre ter me incentivado no meu estudo e me apoiado ao ficar com seu sobrinho Calvin, e meus outros irmãos Luciane, Marciano e Teoneide, por terem me dado amor de irmãos.

Agradeço a meu amigo companheiro Camilo Magalhães, por estar sempre a meu lado me apoiando, me dando seu colo, obrigada por aguentar os dias ausentes que estive fora da comunidade. Agradeço em especial aos meus filhos Calvin e Caemy'chã, pelo amor, por sempre estarem presente durante o processo de escrita.

Agradeço à associação *Wanassedume Ye'kwana*, por ter me dado apoio durante minha pesquisa.

Agradeço a meus colegas de turma que me fizeram levantar junto com seu conhecimento, Nilsia, por ter compartilhado seus conhecimentos, Marina, Mariana, Roberta, Marcelo e Raquel por terem se tornado meus amigos da turma, e minha amiga Giovana por ter se tornado uma amiga que sempre buscou me ajudar durante minha pesquisa.

A todos os professores do programa PPGAN/UFMG.

Agradeço à professora Deborah Lima pelo seu carinho de amiga, e à professora Ana Gomes por ter dando seu apoio buscando abrir meu caminho.

Em especial minha orientadora *yaaya* Karenina Vieira Andrade, que sempre me mostrou o caminho para pesquisa, apresentando os autores e me fazendo refletir sobre o caminho de *wätunnä* do meu povo *Ye'kwana*.

Chänönge na!

## Resumo

Este trabalho trata-se de uma etnografia de práticas alimentares do povo Ye'kwana, especialmente o trabalho feminino de cultivo de alimentos nas roças. Através da descrição de eventos cotidianos, ocorridos durante a pesquisa, veremos como a produção e o consumo de alimentos estão associados aos cantos e às narrativas da tradição oral ye'kwana. Serão descritas as regras e restrições alimentares em diferentes etapas da vida e como a alimentação está relacionada à produção dos *soto neene*, pessoas de verdade.

Palavras-chave: povo ye'kwana; práticas alimentares; soberania alimentar.

## Resumo

Edä fajeeda imennaajä naadö na Ye'kwana täwaashinhö nheeda'chädö jäkä nhekamajäätödö, wodinnhaamo äwanshi neda'chatoodö jäkä, ninnhatötatoodö jäkä maja äddwaajä awä naadö. Eduuwa weinnhö naadö yaanedö enedö'jo imennaajä, mädä wätunnäi jäkä ekamaajätödö na, töyaichuuma deea tödöödö jäkä. Edä fajeeda innhenaajä naadö nekamajä'a dea äwanshi amoije yeichö jäkä mudekäkä je weinnhö naadö awwä sejjeke tödööjoone, mädääje maja awanshi edaichädö naadea soto neene edaichädö naadöje maja.

Palavras-chave: ye'kwana weichö; tonaamode'nädööje wääwashinchänä; tadoonichööje.

## Abstract

This work is an ethnography of food practices of the Ye'kwana people, especially the female work of food growing in the gardens. Through the description of everyday events that occurred during the research, we will see how the production and consumption of food are associated with the chants and narratives of the Ye'kwana oral tradition. Dietary rules and restrictions will be described at different stages of life and how food is related to the production of *soto neene*, real people.

Keywords: ye'kwana people; food practices; food sovereignty.

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>10</b>  |
| <b>2 NARRANDO EVENTOS – PRÁTICAS ALIMENTARES NO COTIDIANO.....</b>                         | <b>20</b>  |
| 2.1 Tornando-se <i>Aji'choto</i> .....   | 21         |
| 2.2 Queima e plantio da roça mandioca.....   | 26         |
| 2.3 Restrições alimentares no luto.....  | 31         |
| 2.4 Viagem para Boa Vista.....   | 33         |
| 2.5 De volta à comunidade e a retomada da pesquisa – plantio das roças novas.....          | 34         |
| 2.6 <i>Ädeja ye'kwana</i> – a origem dos alimentos.....                                    | 40         |
| <b>3 O CULTIVO DE ALIMENTOS E O TRABALHO NAS ROÇAS .....</b>                               | <b>49</b>  |
| 3.1 Queimada e os tipos de cultivares.....   | 53         |
| 3.2 Cuidado com a roça.....  | 56         |
| 3.3 Colheita.....  | 61         |
| 3.4 No preparo do alimento.....  | 65         |
| 3.5 Os alimentos do dia-a-dia.....   | 67         |
| 3.6 Preparo do dia-a-dia de alimentos cultivados na roça.....                              | 73         |
| 3.7 Os cultivos que podem ser remédio.....   | 76         |
| 3.8 Reuniões em <i>Fuduwaaduinha</i> e a proibição de registro dos cantos.....             | 77         |
| <b>4 REGRAS E RESTRIÇÕES ALIMENTARES .....</b>   | <b>80</b>  |
| 4.1 Resguardo no pós-parto.....  | 83         |
| 4.2 Comida cultivada, caça e a alimentação das crianças.....                               | 86         |
| 4.3 Proibições alimentares na mulher menstruada.....                                       | 86         |
| 4.4 Restrições alimentares quando seu parente falece.....                                  | 87         |
| 4.5 Proibições alimentares na picada de cobra.....   | 87         |
| 4.6 Alimentos cultivados que os pais não devem comer quando seu filho está com ferida..... | 89         |
| 4.7 Alimentação e o modo de vida <i>Ye'kwana</i> .....                                     | 89         |
| 4.8 Plantas que cultivamos ao redor das casas.....   | 92         |
| 4.9 Alimentação nas festas e rituais.....  | 95         |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>97</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>101</b> |
| <b>GLOSSÁRIO.....</b>  | <b>104</b> |

## 1 Introdução

Este trabalho é fruto da trajetória e formação como pesquisadora que iniciei antes mesmo de ingressar no mestrado em Antropologia na UFMG. Meu interesse no tema da alimentação também surgiu ao longo dessa formação. No ano de 2012 viajei pela primeira vez a Belo Horizonte, para participar, do encontro de saberes tradicionais e da educação escolar indígena, que foi realizada na Serra do Cipó (MG), organizado pelo Observatório da Educação Escolar Indígena (OEEI-UFMG). Também participaram povos indígenas de vários estados. Neste seminário fui acompanhar meu irmão Mauricio Ye'kwana, umas das lideranças jovem que tem representado nosso povo no Brasil e em vários países por onde viajou. Também estava conosco seu Vicente Castro Yuruwana, um dos maiores sábios reconhecido pelo nosso povo Ye'kwana. Na época, eu era professora da Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenes, em minha comunidade, e cursava a licenciatura intercultural no Instituto Insikiran, na Universidade Federal de Roraima.

Depois da participação do seminário sobre Educação Indígena na Serra do Cipó, fui convidada para ser bolsista pesquisadora pelo Observatório da Educação (OEEI-UFMG), eu aceitei. E assim comecei a fazer parte do programa como professora indígena pesquisadora. Estava fazendo minha pesquisa sobre miçanga na cultura Ye'kwana e a entrada neste programa me ajudou muito na continuidade da pesquisa até finalizar meu TCC no curso de Licenciatura intercultural.

A pesquisa sobre alimentação começou a partir da participação no seminário “Comendo como gente”, organizado em 2015 pelo Observatório da Educação Escolar Indígena – OEEI, da Faculdade de Educação (FaE/UFMG). Participei do seminário porque eu era bolsista pelo OEEI. A experiência como bolsista me ajudou muito durante minha formação de graduação. Quando conclui o curso de graduação, a bolsa foi renovada e continuei com minha pesquisa.

Foi assim que comecei a fazer parte do programa Observatório da Educação Escolar Indígena da UFMG. Nesse programa, participei de vários seminários e cursos, como o curso de formação em áudio visual. Quando estávamos participando do seminário “Comendo Como Gente”, recebemos um convite para participar da reunião sobre o programa Saberes Indígenas na Escola, que estava sendo criado. Participamos da reunião e nos explicaram sobre o programa Saberes Indígenas. Estávamos presentes juntamente com as professoras Karenina Andrade (FAFICH), Ana Gomes (FaE), eu, meu pai Tomé Luiz Rocha, meu irmão Maurício Ye'kwana e os Yanomami. E nós decidimos que queríamos participar desse programa porque

nós Ye'kwana não tínhamos ainda livros publicado em nossa língua materna Ye'kwana. O Programa fazia parte de uma ação do Ministério da Educação do governo brasileiro, que financiou a produção dos materiais didáticos, a realização de oficinas e o pagamento de bolsas para os professores e consultores envolvidos no trabalho.

Na escola não tínhamos materiais didáticos em nossa língua e o objetivo do programa era precisamente a produção de materiais didáticos em línguas indígenas. Depois desse encontro, nós retornamos para a comunidade, explicamos um pouco sobre encontro que participamos e sobre programa saberes indígenas, mas a comunidade não entendeu muito bem a proposta. Foi realizado então outro encontro em Boa Vista junto com a antropóloga Karenina Andrade e a linguista Isabella Coutinho, pesquisadoras que trabalham conosco há muitos anos, para elas explicarem melhor para os professores das três comunidades Ye'kwana Fuduwaaduinha, Kudatainha e Waikas. Assim os professores entenderam melhor sobre o programa saberes indígenas. Depois eles decidiram que seriam feitas oficinas nas três comunidades Ye'kwana durante um ano de trabalho - três oficinas em comunidades diferentes. Nessas oficinas do Saberes Indígenas as lideranças decidiram dar um nome Ye'kwana ao programa: "Yedewanaadi". Participei de todas as oficinas, realizadas em comunidade diferentes. Cada escola ficou com trabalho: a comunidade Ye'kwana Fuduwaaduinha e os professores da Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenes ficaram trabalhando sobre Língua Ye'kwana, a comunidade Ye'kwana Kudataanha e a Escola Estadual Indígena Mõtaaku ficou trabalhando sobre jogos e brincadeiras Ye'kwana e a comunidade Ye'kwana Waikás e sua Escola Estadual Indígena Waikás ficou trabalhando sobre "Nhe'kudu" - a matemática Ye'kwana. Na nossa comunidade, Fuduwaaduinha, fizemos cartilhas de três períodos, do 1º, 2º e 3º ano, e fiquei responsável pela organização da cartilha do 3º ano, os desenhos e os textos produzidos pelos professores e alunos. Assim trabalhamos durante as oficinas de Yadeuwaadi. O programa Saberes Indígenas estendeu-se por mais três anos e foram realizadas quase vinte oficinas nas três comunidades. Produzimos três livros didáticos e três filmes paradidáticos sobre nosso saber e nossa língua.

Nas oficinas foram feitos os vídeos de matemática e filme de dramatização da narrativa do encontro de nossos antepassados Wanaadi e Kaju. Para edição e legendagem dos filmes, participei em Minas Gerais de encontro organizado pelo observatório junto com os outros povos Yanomami e Sanumá. Também apresentamos na UFMG sobre como estávamos trabalhando nas comunidades com o programa Saberes Indígenas, junto com o sábio seu Vicente Yurawana e Júlio Ye'kwana e apresentamos este filme no festival de cinema etnográfico Forumdoc. Também participamos da inauguração da galeria da Cláudia Andujar

no Instituto Inhotim. E, por fim, também fui participar no final de 2017 de uma disciplina de Saberes Transversais, organizado pela UFMG, para dar aula sobre o tema miçanga, que foi o tema da conclusão do meu TCC.

No seminário “Comendo Como Gente”, em Minas Gerais, organizado pelo Observatório em 2015, as palestrantes falavam sobre alimentação de cada povo. As palestrantes eram antropólogas, acompanhadas de uma indígena da comunidade na qual faziam sua pesquisa. Aquelas falas dos palestrantes foram muito importantes e me interessou muito registrar sobre alimentação do meu povo. A partir daí ficou no meu pensamento que os registros sobre alimentação do meu povo seriam importantes. Assim, comecei essa pesquisa sobre alimentação do meu povo junto aos meus alunos, que desenhavam os alimentos colhidos na roça e explicavam quanto eram importantes nossos alimentos que plantamos. Pouco tempo depois, como minha bolsa já tinha acabado, a minha pesquisa ficou parada, sem finalizar o que tinha começado a registrar sobre alimentos cultivados, mas meu objetivo era continuar esta pesquisa e registrar costumes sobre alimentação nas comunidades Ye’kwana e a partir da minha pesquisa construir um livro sobre o tema da alimentação Ye’kwana. Decidi então me candidatar ao mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG. A minha escolha se deu não só devido à minha inserção nas atividades realizadas junto às professoras Ana Gomes (FAE/UFMG) e Karenina Andrade (FAFICH/UFMG), mas sobretudo porque acredito que a formação era necessária para continuar meu trabalho como pesquisadora indígena. Quando saiu edital do mestrado, fiz o projeto da minha pesquisa com esse título “Alimentação Ye’kwana”, porque queria aprofundar mais os conhecimentos e registrar sobre *wätunnä*<sup>1</sup>. Uma vez aprovada, pude retomar o trabalho com o tema.

A pesquisa etnográfica desta dissertação foi realizada na comunidade Fuduwaaduinha, através das narrativas de *wätunnä* da senhora sábia Amélia, da comunidade *Yanatuinha* (Venezuela), que se mudou para comunidade *Fuduwaaduinha*. Nesse tempo, a casa dela estava sendo construída. A mudança dela começou por causa da saúde do filho. Na Venezuela não há atendimento de saúde gratuito, por isso muitos parentes nossos vem até as comunidades do lado brasileiro em busca de atendimento de saúde. Algumas famílias acabam se mudando definitivamente para as comunidades *Ye’kwana* do lado brasileiro da fronteira.

A dona Amélia é viúva, tem seis filhos e oito netos. Ela é minha parenta próxima, eu a chamo de minha irmã (*yaaya*), porque ela é filha de João, irmão do meu pai Tomé. Nós

---

<sup>1</sup> Para povo Ye’kwana *Wätunnä* são narrativas ou histórias contadas pelos sábios, desde o surgimento dos seres vivos. *Wätunnä* está no passado, presente e futuro. Através de *wätunnä* a comunidade organiza o modo de vida.

Ye'kwana chamamos de pai os irmãos do nosso pai também, então os filhos dos irmãos do meu pai também são meus irmãos. Por isso a Dona Amélia é minha *yaaya*, irmã mais velha.

As entrevistas foram feitas na minha casa, o assunto que aprofundamos foram os conhecimentos que eu relato sobre a origem dos alimentos. Conversei com ela antes, perguntando o que ela achava melhor, se seria de dia ou de noite, ela escolheu de noite, porque de dia estávamos muito atarefadas nas nossas roças ou no preparo dos alimentos da casa. No primeiro dia ela chegou às 20h30min para conversarmos enquanto as crianças dormiam (meus filhos), então eu arrumei rede para ela ficar mais tranquila, antes de ela começar a contar fiz uma pergunta para ela, sobre se eu poderia gravar o áudio além de anotação no caderno, ela respondeu que sim. Assim começamos nossas conversas com gravação de áudio e anotações no caderno. A dona Amélia sabe de muitas narrativas de *wätunnä* e também *ädeemi/aichudi* (cantos tradicionais), *ädeemi*, como *äddwaajä edeemi'jhödö* (cantados no ritual de inauguração da roça nova), *ättä edeemi'jödö* (cantados no ritual de inauguração da casa nova) e outro cantos de *ädeemi* também.

Apresento aqui a experiência de fazer pesquisa na própria comunidade do meu povo, para mim foi muito importante para minha aprendizagem, porque como pesquisadora, fui percebendo várias coisas importantes na minha comunidade, como os cuidados com a roça, a mandioca e tudo o que está plantado na roça. Também aprendi que a roça é viva. Tudo que plantamos na roça tem dono, que vive no céu. Antes de começar no mestrado, eu não tinha interesse em saber sobre isso e não perguntava às sábias sobre *wätunnä*, pensava que estávamos fazendo nossas roças somente para viver, mas não foi assim que percebi durante minha pesquisa, acabei descobrindo várias coisas importantes, como explicarei mais adiante.

Ao viver longe da comunidade, sentia muita falta dos alimentos colhidos na roça, quando estava fazendo as aulas presenciais na UFMG, no Estado de Minas Gerais. Senti muita diferença, os costumes são totalmente diferentes do nosso. Isso me fez pensar quanto é importante não misturar um tipo de carne com outro tipo de carne na mesma refeição, como por exemplo, se está almoçando a carne de anta, não pode comer outro tipo de carne, pode adoecer gravemente ou seu filho pode adoecer. Como afirma Andrade (2007), para nós Ye'kwana: “um indivíduo, por exemplo, não pode ingerir mais de uma espécie de carne em uma única refeição, sob pena de sofrer de tumores e abscesso ou diarreia, ou seja, um desequilíbrio corporal”.

Também durante as aulas fui percebendo que estudar antropologia te pensar sobre como começaram as coisas do passado. Durante meu curso, percebi saber sobre o passado nos



fronteira do Brasil com a Venezuela. Atualmente existem quatro comunidades ye'kwana: na região de Auaris, a comunidade Fuduwaaduinha; comunidade *Kudatainha* (que fica logo abaixo do rio Auaris); comunidade *Tajäädeditoinha* (que fica logo acima do rio Auaris e é a comunidade mais antiga Ye'kwana). As três comunidades ficam no mesmo município. A comunidade ye'kwana *Waichannha* se encontra no município de Alto Alegre, que fica no rio Uraricoera. Essa comunidade sofre com a presença do garimpo, o rio já está contaminado de mercúrio.

Há escolas de Ensino Fundamental nas comunidades *Fuduwaaduinha* e *Kudatainha*. Nelas são atendidas crianças e jovens matriculados entre o 1º e o 9º ano. Na comunidade Waikás, a escola atende do 1º a 5º ano. O nome da escola que fica na comunidade *Fuduwaaduinha* é “Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenes”, em homenagem ao fundador da comunidade, cujo nome indígena era *Kayeeda*. Já o nome da escola que fica na comunidade *Waikás* é “Escola Estadual Indígena *Waikás*”. O nome da escola que fica na comunidade *Kudatainha* é “Escola Estadual Indígena *Mutaaku Ye'kwana*”, em homenagem ao tuxaua<sup>2</sup> que teve a ideia de criar uma nova comunidade. Ele morou na comunidade *Fuduwaaduinha*, mas acabou falecendo antes de a comunidade *Kudatainha* ter sido efetivamente criada (em 2009). Por fim, a comunidade *Tajäädeditoinha*, mesmo sendo a mais antiga, não tem escola, pois possui poucos moradores: apenas integrantes de uma mesma família lá habitam.

Antigamente a comunidade vivia mudando de local, as mudanças ocorriam na mesma região, a comunidade se mudou várias vezes, principalmente por causa das roças, que estavam ficando distantes da comunidade. Também devido à escassez da caça. Com a construção da escola, a comunidade ficou no mesmo local mais tempo. Depois de muito tempo, a comunidade fez a última mudança em 2007 para a outra margem do rio Auaris, e se localiza hoje em dia do lado direito do rio *Yawadeejudi*, como chamamos em nossa língua o Rio Auaris. Com essa mudança, apenas algumas famílias permaneceram no local onde vivíamos antes, são poucas famílias hoje em dia que se localizam do lado esquerdo do Rio Auaris. Entre 2009 e 2010 a comunidade construiu a nova escola, onde permanece atualmente.

Na comunidade *Fuduwaaduinha* são 22 casas de famílias extensas, a população é de 293 pessoas. Os que ficaram na antiga comunidade, do outro lado do rio, são 10 casas de famílias extensas e 101 pessoas, adultos e crianças<sup>3</sup>. Essas comunidades são identificadas pela SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) como Comunidade Velha e Comunidade

---

<sup>2</sup> Chefe ou liderança da comunidade local.

<sup>3</sup> Informações do censo registrado pela Sesai em 2019.

Nova, mesmo sendo 30 minutos de distância. Nós identificamos a comunidade como uma só, *Fuduwaaduinha*.



**Imagem 2: Vista de comunidade Fuduwaaduinha.**

Foto da autora (2019)

**Imagem 3: Comunidade Kudatainha. Foto: José Cury.**



Nós Ye'kwana somos falantes de nossa língua materna, mantendo nossos costumes, tradições e o modo de vida na comunidade. A língua Ye'kwana é classificada na família linguística Karib. Na comunidade, sempre conversamos em nossa língua materna, assim como na escola, em que damos aulas na língua materna, até mesmo dando a matéria de língua portuguesa, continuamos a falar a nossa língua materna, com exceção das leituras e exercícios, que são lidos em português. Percebo que quando estamos na cidade, continuamos a conversar em nossa língua materna entre nós.

Na comunidade fazemos diversos rituais. Como, por exemplo, o resguardo do nascimento do bebê, a *shiichu'kwä ajiimadö* (primeira 'enfeitação' com ornamentos corporais e pintura) da criança, a partir de três ou seis meses de vida; o da primeira menstruação da moça; e o *mayuudu nhöödö* (embelezamento da moça, após o fim do período de reclusão que se inicia depois da primeira menstruação).

Quando nasce um filho, os pais deixam de comer as comidas que comem cotidianamente, eles ficam de resguardo durante uma semana ou até o umbigo do filho cair. Quando o umbigo do filho cai, convida-se um cantor para efetuar o canto. O cantor chega muito cedo e fica cantando a manhã toda, até meio dia. Ainda mantemos esses costumes de resguardo. Mesmo quando estamos na cidade, fazemos isso com nossos filhos, quando eles nascem na cidade.

A *shiichu'kwā ajiimadō* (enfeitação) é feita nas comunidades Ye'kwana para a criança poder tocar pela primeira vez o chão e receber brinquedo (coisas para brincar) pela primeira vez. Antes da enfeitação, nós não colocamos a criança no chão nem damos o brinquedo para ele, porque é *amoihe*.<sup>4</sup>

Na primeira menstruação, a moça fica dentro de casa sem poder sair, exceto para fazer suas necessidades. Ela não pode conversar com rapazes ou, até mesmo com meninas. Durante todo esse tempo, a moça fica acompanhada de sua mãe ou de sua tia. Ela deixa de comer diversas comidas e de beber água. Nesse tempo de resguardo ela só pode tomar o mingau de beiju morno em todas as refeições (manhã, meio dia e noite). Antigamente, as moças tomavam o mingau de beiju apenas uma vez por dia, ao meio dia. Hoje em dia elas tomam três vezes ao dia. Então a moça fica fazendo *tadadwe*<sup>5</sup> (ralo) durante sete dias ou até sua menstruação terminar. Depois desses dias, a mãe convida a cantora, para ela cantar a moça. Também convida todo mundo para participar de *aji'choto jha'kadō*, ritual realizado com a participação de toda a comunidade. Depois que este ritual é realizado, a moça sai parcialmente do resguardo e o cabelo dela é raspado.

A moça ainda fica de resguardo durante um ano, ela fica só trabalhando na roça, ajudando a mãe e suas tias no trabalho da roça, durante esse tempo todo ela não pode fazer comida em casa. Ela fica se banhando de *mada* (certos tipos de plantas e folhas). Quando completar quatro meses, a mãe da moça convida a cantora para ela banhar-se com *kushi*<sup>6</sup> o último banho dela, antes de começar carregar mandioca, banana e outros alimentos. A partir de seu último banho com *kushi*, ela começa a ajudar a carregar os alimentos, ela mesma não coloca dentro do cesto e não toca nos alimentos, apenas carrega. Quando completar seis meses, a mãe manda que ela pegue mandioca para ralar, até ela faz beiju. Esse beiju feito pela moça, sua mãe leva para o cantor, e o cantor canta no beiju feito por *aji'choto*<sup>7</sup>. Assim que o cantor termina de cantar, a mãe da moça distribui beiju para família e todo mundo come o beiju.

---

<sup>4</sup> A palavra *amoihe* refere-se a proibições diversas, tais como a citada aqui e outras que veremos adiante, por exemplo as proibições alimentares. Podemos traduzir *amoihe* por “proibido/proibição”, mas é importante destacar que a quebra de uma regra considerada *amoihe* implica o adoecimento da pessoa, risco de sofrer um acidente e até mesmo a morte.

<sup>5</sup> Ralo para ralar mandioca, cuja base é de madeira, onde são inseridos os “dentes”, no passado eram feitos de pedra, mais recentemente de metal. O povo Ye'kwana acabou trocando pelo motor para ralar mandioca, usado no dia-a-dia, mas ainda fabricamos estes ralos, para a moça aprender de fazer. Hoje em dia se vê poucas pessoas usando o ralo.

<sup>6</sup> Bebida levemente fermentada de mandioca, doce e com baixo teor alcóolico, ao contrário do Yadaaki, que é forte e de sabor azedo, pois é de fermentação mais demorada.

<sup>7</sup> Quando menstrua pela primeira vez, a moça passa a ser chamada de *aji'choto*.

A partir daí a moça começa a fazer e preparar alimento somente em casa. Prepara alimentos da sua família. No trabalho do mutirão, ela não pode servir para rapazes, como é nosso costume<sup>8</sup>. O resguardo permanece até o ritual *Mayuudu nhöödö* (embelezamento). Depois de um ano, a moça faz um embelezamento em que recebe os conjuntos de colares de miçangas e, enquanto isso, o cantor faz os cantos para purificar ou limpar o corpo da moça.

Estes são apenas alguns exemplos de ocasiões da vida em que também as restrições alimentares têm importante papel (seja a produção, a distribuição ou o consumo de alimentos). Ao longo deste trabalho, analisaremos estes assuntos.

No capítulo 1, falo das restrições alimentares nos eventos do cotidiano, a partir de seus acontecimentos. Narro os eventos relacionados à primeira menstruação de uma de minhas sobrinhas e também o luto pela morte de meu sogro, e como o tema da alimentação está presente neles. Na segunda parte do capítulo, narro a queimada e o plantio das novas roças de minha família. Ao final do capítulo, trago a narrativa da *wätunnä* que conta sobre a origem dos alimentos, narrada pela sábia Amélia.

No segundo capítulo, descrevo o processo de produção de alimentos cultivados, a abertura de novas roças, o plantio, os cuidados com a roça e a preparação dos alimentos.

No terceiro capítulo, tratarei do tema das restrições alimentares em diferentes etapas na vida. Em seguida, farei algumas reflexões sobre o processo etnográfico, nas conclusões finais.

---

<sup>8</sup> Quando a comunidade realiza trabalhos em mutirão (por exemplo, a construção de uma casa ou derrubada da mata para plantio de novas roças), as mulheres servem *yadaaki* (caxiri, a cerveja de mandioca) e comida para os homens que estão trabalhando.

## 2 Narrando eventos – práticas alimentares no cotidiano.

A pesquisa para essa dissertação se iniciou no final de 2018, após o término do primeiro ano letivo do mestrado, durante o qual cursei as disciplinas. Quando retornei para a comunidade onde eu nasci, não sabia o que eu iria fazer naquele momento, como iria começar a pesquisa. O caminho de volta foi longo, como irei descrever.

Eu, minha filha Caemy Tajäademiiyu e minha irmã Marciane saímos de ônibus de Belo Horizonte no dia 09 de dezembro de 2018 para Brasília. Eu fui participar da Reunião Brasileira de Antropologia, evento promovido pela Associação Brasileira de Antropologia, onde apresentei parte deste trabalho no GT sobre alimentação, e minha irmã foi cuidar da minha filha enquanto eu estava no evento. De Brasília, iríamos para Roraima. Depois do evento, ficamos uma semana em Brasília com meu irmão Márcio, que reside nesta cidade.

No dia 22 de dezembro saímos de Brasília para o estado de Roraima. No dia seguinte, dia 23 de dezembro, viajamos durante pouco mais de duas horas de voo monomotor de Boa Vista para nossa comunidade.

Ainda quando estava na aula, no mês de setembro, quando a comunidade fez as novas roças das famílias, o pai dos meus filhos, Camilo Magalhães, ligou para mim avisando que a comunidade iria fazer a derrubada das roças<sup>9</sup>. Então, eu pedi para ele fazer duas roças para mim. Disse a ele que se ele não fizesse e ficássemos sem roças, iríamos passar fome quando chegássemos à comunidade. Ele fez duas roças: uma para plantar *ködheede* (maniva) a partir da derrubada de mata capoeira; outra, para plantar *faduudu* (banana), a partir da derrubada de mata virgem. Para dar banana, a mata tem que ser virgem. Se for mata capoeira, não dá muita banana. Quando cheguei à comunidade, a mata já havia sido derrubada e estava secando, para poder fazer a queimada. A mata capoeira seca mais rápido que a mata virgem.

Quando cheguei à comunidade não anotei quase nada, porque não sabia como iria começar minha pesquisa de campo, mas de algumas coisas eu me lembro e vou relatar abaixo.

No dia que chegamos à comunidade, os jovens estavam se organizando para o torneio na comunidade sanumá Kalonau<sup>10</sup>. Os jovens foram para participar do torneio nos dias 25 a

---

<sup>9</sup> Como veremos mais adiante, na primeira etapa de abertura de novas roças, quando a mata é derrubada, toda a comunidade se reúne para organizar o trabalho, que é feito em mutirão. Cada família define quantas roças serão necessárias. Em geral, os homens da casa conversam com as mulheres. Na reunião na *ättä*, a casa comunal, os homens conversam e organizam o trabalho: quando será iniciado, em que locais serão abertas as roças, etc. As demais etapas (queima, plantio e colheita) são feitas pelas famílias, como será descrito no segundo capítulo.

<sup>10</sup> Os Sanumá são um subgrupo Yanomami com quem dividimos nossa Terra Indígena Yanomami e Ye'kwana. Na região de Auaris há diversas comunidades Sanumá próximas a Fuduwaaduinha.

30 de dezembro, mas eles retornaram antes porque perderam o jogo quase na final. Eu não fui à comunidade Sanumá assistir ao jogo.

No dia 30 de dezembro teve um ritual de *mayuudu nhöödö* (embelezamento) das moças, sobre o qual falei na introdução. Fizeram o embelezamento de cinco moças: duas netas de tuaxaua da comunidade Davi Manoel Rodrigues, Jucilene e Stefani; as outras três são Sabrina, Janete e Rebeca. No mesmo dia, também fizeram o ritual de *shiichu'kwä ajiimadö* (enfeitado da criança) com seis crianças: três meninas e três meninos. Nesse ritual toda comunidade participou. O ritual terminou ao meio dia com almoço com muita fartura, com carne caça e depois com festa de *teeke'ya*<sup>11</sup> em comemoração ao ritual, que foi até o meio dia do dia seguinte. Depois que acabou a festa, os jovens continuaram com festa para comemorar a virada de ano novo com músicas. Essa festa terminou no dia 02 de janeiro de 2019.

## 2.1 Tornando-se *Aji'choto*

No dia 01 dia janeiro a minha sobrinha teve sua primeira menstruação, que envolveu ritual na comunidade. Na hora que ela avisou para minha irmã (que é mãe dela), minha irmã logo convidou uma cantora para fazer canto do local da casa onde minha sobrinha ficaria. Imediatamente a cantora chegou com *etödotoojo*<sup>12</sup> e começou cantar. Cantou até mesmo quando estava armando a rede dela, pois o canto era para ela ficar bem e dormir bem na sua rede. A cantora avisou que iria voltar de madrugada para cantar de novo.

Quando menstrua pela primeira vez, a moça passa a ser chamada de *aji'choto*, e é realizado um ritual que marca sua nova condição, conforme mencionei na introdução da dissertação. A partir desse momento, a *aji'choto* não poderá usar ornamentos corporais de miçanga, pintura corporal e também permanecerá em reclusão. Também não poderá tomar banho no rio, dizem que a pessoa que quer fazer mal (*odo'sha*) sente o seu cheiro igual ao cheiro de abacaxi, por isso *aji'choto* não deve tomar banho no rio e ficar sozinha, ela tem que ter acompanhante sempre, quanto vai para roça, no trabalho cotidiano dela. A *aji'choto* não poderá ir à escola durante seis meses, porque ela pode fazer mal às crianças, as crianças podem ficar preguiçosas se conviverem com *aji'choto*. Durante esses seis meses ela se banha com as folhas e mandioca estragada para poder limpar seu corpo, também o sábio faz com *aichudi*.

<sup>11</sup> São as *wana*, um tipo de flauta muito comprida tocada em festas.

<sup>12</sup> Pequena cabaça preenchida com certo tipo de planta especialmente preparada. São utilizadas para diversos tipos de proteção – acidente ofídico; infortúnios causados pelos *odo'sha*, que são seres malignos; para espantar chuva em situações adversas, etc.

O canto no dia seguinte da primeira menstruação é o mais importante. A cantora chegou de madrugada às 03h00min e ficou cantando até às 06h00min da manhã. Esse canto é o *aji'choto ajiimadö* (para moça sentar). A minha sobrinha sentou em cima da *täju* (pedra) que estava coberta com *mada* (plantas de proteção), já de manhã às 06h00min. A partir daí, ela ficou sentada fazendo *tadaddwe* (ralo)<sup>13</sup>. Então minha sobrinha ficou dentro de casa durante sete dias fazendo o ralo, ela só parava de fazer às 17h00min da tarde, quando ela subia na sua rede para descansar. Ela ficou sem sair de casa, apenas saía para fazer suas necessidades, sempre acompanhada da sua mãe ou da tia.

Após sete dias, eu, minha cunhada e meu irmão fomos avisar aos moradores do outro lado do rio Auaris que haveria o *aji'choto jha'kadö* (saída de casa da *aji'choto*), então convidamos todos os moradores e retornamos para casa<sup>14</sup>. Quando chegamos em casa, a mãe da *aji'choto* foi avisar à cantora que ela já estava pronta para o ritual do dia seguinte. O marido da minha irmã convidou os homens para participar do *aji'choto aijhukuudu* (açoitamento da *aji'choto*). Na madrugada do oitavo dia, a cantora chegou às 02h00 e ficou cantando até as 05h00. Quando deu 05h30 a cantora, *aji'choto*, minha irmã e as mulheres convidadas foram para a roça. Ficaram capinando a roça até terminar. Terminaram às 07h00 e retornaram para casa. As mulheres ficaram esperando os homens terminarem. Eu não pude acompanhar as mulheres na roça porque eu estava menstruada e isso é *amoijhe*. Os homens ficaram limpando o caminho da roça e terminaram às 08h00. Os outros homens ficaram arrumando o local onde eles iam correr atrás da *aji'choto*.

Assim que os homens chegaram ao local onde haveria participação de todo mundo, as mulheres foram também se preparar para correr junto com *aji'choto*. Quanto todos que iriam correr estavam prontos, as mulheres formaram uma fila, com seu *kudaawa*<sup>15</sup>, e os homens ficaram esperando mais na frente, também com seu *kudaawa*. Um homem foi até as mulheres para pedir que elas corresse. Assim que ele avisou, as mulheres correram na direção da *ättä*<sup>16</sup>. No meio tinha *fodeekashi* (cordas entrelaçadas, uma espécie de armadilha para atraparlar a passagem das mulheres). Ali estavam os homens esperando as mulheres e, quando elas chegaram perto, os homens começaram a bater nas costas das mulheres com seu

---

<sup>13</sup> Ralo para ralar mandioca, cuja base é de madeira, onde são inseridos os “dentes”, no passado eram feitos de pedra, mais recentemente de metal. O povo Ye'kwana acabou trocando pelo motor para ralar mandioca, usado no dia-a-dia, mas ainda fabricamos estes ralos, para a moça aprender de fazer. Hoje em dia se vê poucas pessoas usando o ralo.

<sup>14</sup> Em 2009, como já foi dito na introdução, a comunidade mudou-se para a margem direita do Rio Auaris, mas algumas famílias permaneceram na margem esquerda.

<sup>15</sup> Trançado da folha de um tipo de bromeliácea chamado *kudaawa*.

<sup>16</sup> Casa redonda; para realizar os rituais, festas e reunião comunitária.

*kudaawa* e as mulheres continuaram correndo até entrar na *ättä*. O açoitamento com *kudaawa* serve como forma de proteção, retira doença e preguiça do corpo das pessoas.

Quando entrou na *ättä*, *aji'choto* ficou fazendo *tadaddwe* (ralo) e a cantora ficou cantando perto da *aji'choto*. Depois que terminou, *aji'choto* ralou a mandioca e, depois que ela terminou, serviu para todos os homens presentes. Depois de finalizar, *aji'choto* foi levada ao local aonde ela iria ser açoitada com *kudaawa*. Quem golpeou ela com *kudaawa* foi a mesma senhora que ficou cantando. Escolheram quatro homens que iam açoitá-la todas as pessoas que estavam presentes: um que seria para açoitá-las crianças meninas; outro, que seria para açoitá-las crianças meninos; o terceiro, que ia açoitá-las mulheres, e o quarto, que ia açoitá-las os homens. Todas as pessoas que estavam presentes apanharam com *kudaawa*, para proteger seus corpos e retirar doença. Depois de acabado, foi servido o café da manhã pela família da *aji'choto*. Assim, o ritual terminou com a participação da comunidade.

Depois de apanhar, *aji'choto* foi para casa acompanhada da sua mãe e da cantora. Em casa, a cantora ficou cantando, a mãe raspou cabelo da moça e deram o banho nela pela primeira vez. Também a mãe de *aji'choto* pediu à cantora para cantar um ovo para *aji'choto* comer e assim, fazer o primeiro consumo de alimento dela. A cantora ficou indo pela manhã em casa, para dar o banho e cantar *aji'choto*, para limpar o corpo dela. Nesses dias, a cantora explicou o que a moça poderia comer e os tipos de caça: apenas peixes, como *kuniichai*, *widiidi*, e também *wameedi* (frango) e *i'moi* (ovo) que já estava cantado. A cantora explicou a ela que toda vez que ela quiser comer alguma coisa, mesmo que fosse alimento plantado nas roças, tinha que pedir para cantar antes de consumir.

Foi assim que eu conheci a senhora sábia Amélia: com a primeira menstruação da minha sobrinha, porque a senhora estava sempre visitando. A partir daí pensei em convidá-la para entrevista ou para ela contar as histórias de *ädeaja* (todo tipo de alimento cultivado).

Eu então a convidei, explicando por que eu queria ouvir a história da alimentação *ye'kwana*. Ela aceitou meu convite e decidiu ir à minha casa à noite para contar *wätunnä*, pois ficaria mais fácil ao terminarmos as tarefas do dia. A princípio foram três noites: ela chegava às 20h00min e ficava contando até meia-noite. No primeiro dia, ela falou para mim que:

- Isso é muito importante, está ligado às mulheres *ye'kwana*, você fez bem ao escolher esse tema porque você é uma mulher que precisa saber das origens e vai ser importante para você, não só para sua formação, também para sua comunidade! Vou te ajudar porque você não é qualquer pessoa, você é minha irmã.

Assim ela foi contando. O que eu escrevi sobre a história da origem da mandioca e de como nós a conhecemos está na seção chamada “*Ädeaja Ye'kwana*”.



**Imagem 4: *Mayuudu inchö'dädö*/iniciação feminina, embelezamento da moças no fim da reclusão.**

Foto da autora (2019)





**Imagem 6:** *Aji'choto* preparando kushi para ela se banhar. Foto da autora (2019)



**Imagem 7:** *Aji'choto* plantando as mudas de banana. Foto da autora (2019)

## 2.2 Queima e plantio da roça mandioca

Na segunda quinzena de janeiro fizemos a queimada da nossa roça capoeira. Fomos eu, meu marido Camilo, meu irmão Márcio, minha irmã caçula Teoneide e o esposo dela, Jurandir. Como já foi dito, esse trabalho é feito por cada família nas suas roças, ao contrário do trabalho de derrubada da mata, que é feito em mutirão comunitário. De acordo com nossos costumes, a regra mais comum é que uma mulher quando se casa permanece morando na casa dos pais, e seu marido se muda para lá. Assim, na nossa casa vivemos eu, minhas irmãs casadas com seus maridos e filhos, minha irmã solteira e meu irmão que ainda não se casou. Meu irmão mais velho, já casado e com filhos, vive na casa do sogro. Nosso pai e sua esposa, com quem se casou após a morte de nossa mãe, e alguns familiares dela também vivem na mesma residência, onde eu e meu marido Camilo construímos nossa casa em anexo. As refeições são feitas conjuntamente, assim, os alimentos consumidos por todos os moradores da residência provém das roças das mulheres da casa (minha, de minhas irmãs e de minha madrastra). Alguns outros arranjos residenciais são possíveis também, mas essa é a regra que comumente seguimos.

Fomos queimar minha roça às 13h00, quando o sol está mais forte, pois assim pega fogo mais rápido. Fizemos fogo e ficamos queimando. Depois esperamos queimar e voltamos para casa antes que o fogo se apagasse. Esperei dois dias depois da queimada.

Entre esses dias, uma de minhas primas foi em casa me visitar. Ela perguntou se fizemos a queimada na nossa roça e eu falei que sim. Ela disse que tinha guardado muitas *ködheedajä* (manivas) para o plantio, mas que ela não tinha feito a queimada da sua roça, então pediu que fossemos à roça dela pegar as manivas. Eu, minhas duas irmãs e minha sobrinha fomos buscar e trouxemos muitas manivas. Deixamos no terreiro de casa para depois levar para roça. Tinha muitas manivas e, por isso, não precisamos ficar procurando em outro lugar.

Depois de dois dias convidei uma senhora que se chama Margarida, que sabe cantar no primeiro plantio. Convidei um dia antes, pois o canto tem que começar muito cedo para o primeiro plantio: geralmente o canto começa a partir de 03h00h. A cantora sempre começa a cantar em casa, até às 05h00 da manhã, quando ela vai para o caminho da roça. Ela não vai muito rápido para roça, vai andando devagar e cantando, até chegar ao local. Às 06h00h da manhã eu e *aji'choto* fomos em direção à roça e levamos as *ködheedajä* (manivas) e *mada* (plantas usadas para fins medicinais e de proteção) para plantar no meio da roça, porque já sabíamos que a cantora estaria lá cantando.

Chegamos lá e a cantora estava acompanhada de seu neto, estava cantando e continuou quando chegamos lá. Demorou um pouco seu canto e ela pediu a *aji'choto* plantar as *mada* antes de plantar maniva, depois que ela terminou de plantar as *mada* a cantora começou *shaakaichadö* (a cavar os buracos para plantar). Ela fez quatro buracos para plantar maniva: ela ficou fazendo os buracos e cantando, assim que terminou ela pediu para *aji'choto* colocar as manivas no buraco. Depois que *aji'choto* fez isso, a cantora pediu para que nós *aichödö* (plantássemos as manivas). Ficamos plantando até acabar o que tínhamos levado e ela continuou cantando. Terminamos o *awansokaadö* (primeiro plantio) às 09h00 da manhã. Voltamos para casa.

Ficamos um dia sem ir à roça nova. Depois de um dia, eu, minhas três irmãs e meu irmão Márcio fomos à roça. Começamos a fazer o plantio e ficamos o dia inteiro fazendo os buracos para plantar as *ködheedäjä* (manivas). Enquanto alguns de nós fazíamos os *shaakaichadö* (buracos), minha sobrinha *aji'choto* e minha irmã Marciane ficaram plantando as manivas atrás de nós. No dia seguinte, fomos continuar nosso trabalho de plantio e ficamos o dia inteiro, voltando para casa no final da tarde. No terceiro dia, fomos novamente para roça, mas dessa vez o meu irmão não foi para ajudar. Fomos apenas eu e minhas irmãs, fazendo plantação e terminando ao meio dia o nosso plantio da mandioca.

Nesses últimos dias de trabalho de plantio, recebemos a notícia de que o filho de um professor ye'kwana tinha falecido na cidade de Boa Vista. Imediatamente lembramos que a comunidade entraria em luto. Assim, a comunidade entrou em luto no dia seguinte à notícia. Os pais decidiram que o corpo do filho tinha que ser levado para a comunidade para fazer o *woi*<sup>17</sup>. Quando a pessoa falece na cidade, algumas famílias decidem levar o corpo do parente na comunidade, isso porque eles querem vingar o parente do *odo'sha* que fez mal, algumas famílias não levam corpo na comunidade quando o parente se suicida, ele é enterrado na cidade mesmo. Quando o sábio ou sábia falece na cidade, o corpo também levado na comunidade, porque seu espírito não gosta de ficar lá no lugar estranho, também porque que ele pode levar *ädeēja* embora junto com ele.

O povo ye'kwana não toca o corpo do parente morto, a pessoa que toca o corpo do morto torna-se *tänwa'dooto*, pessoa contaminada/intoxicada, ele não pode ficar no meio das pessoas, ele tem que ficar afastado da família ou isolado, porque seu corpo fica gorduroso, como se tivesse se banhado com óleo de cozinha, ele é contaminado com a gordura do morto

---

<sup>17</sup> Planta utilizada para diversas curas de doenças causadas por feitiço, é também utilizada em alguns rituais funerários como forma de vingança, uma vez que o *woi* vai atrás do responsável pelo enfeitiçamento do morto.

e por onde ele anda a gordura fica caindo no chão, por isso que onde o *tänwa'dooto* passou não podemos passar, para não pisar a gordura que ele deixou cair ao chão, se a pessoa tocar *tänwa'dooto* ele também fica *tänwa'do*. Antigamente, o povo dava comida ao *tänwa'dooto* na ponta de uma madeira longa, deixava cair dentro de *waja*<sup>18</sup>, mas sem tocar *waja*, colocava em cima e deixava cair. Dizem que se você conviver com *tänwa'dooto* você não pode fazer nada, como preparar alimentos ou ir para roça. Você pode adoecer ou ficar com dor de barriga frequente. Também o que está plantado na roça pode estragar, a mandioca, o inhame e outros cultivares. Somente uma ou duas pessoas tocam o corpo do parente para enterrá-lo ou levar até cemitério, que fica distante da comunidade. Hoje em dia, quando uma pessoa morre em nossa comunidade, costumamos pedir aos Sanumá da comunidade vizinha para enterrarem o morto e fazemos um pagamento pelo serviço, já que eles têm uma relação muito diferente da nossa com os mortos e não tem evitação ao contato com o corpo do morto. O homem sanumá leva o corpo do morto até o nosso cemitério, acompanhado de um parente *ye'kwana* do morto, mas o parente não precisa tocar o cadáver, evitando assim que fique *tänwa'dooto*.

A pessoa *tänwa'dooto* deve ficar afastada da família durante um ano, ele precisará tomar banhos frequentes com *mada* e folhas colhidas na mata ou tomar banho na cachoeira ou corredeiras para limpar seu corpo, e algumas vezes com o canto do sábio também, para auxiliar na limpeza. Não só a pessoa que tocou o corpo que fica *tänwa'dooto*, também aqueles que não podem conviver com a família, como *aji'choto*. A *aji'choto* também fica *tänwa'dooto*, não pode preparar alimentos; a partir de quando sua primeira menstruação descer ela fica *tänwa'dooto* por causa do seu sangue, mas somente dos homens que ela fica mais afastada, para mulheres não. Diferente do *tänwa'dooto* que tocou corpo da pessoa morta e não pode conviver com ninguém, *aji'choto* convive com as mulheres sem nenhum problema, mas não com os homens e muito menos as crianças meninos, porque se *aji'choto* tocar menino, o menino vira preguiçoso, sem inteligência, não quer mais caçar, isso porque *aji'choto* está *tänwa'dooto* para ele.

A pessoa que foi picada por cobra também fica *tänwa'dooto*, porque a pessoa ingeriu o veneno *kumaaduwaaka*<sup>19</sup> da cobra através da picada. As cobras para nós são gente, mas não

---

<sup>18</sup> Cestaria plana, redonda, utilizada para servir alimentos. Nas *waja* são trançados desenhos tradicionais, utilizando-se fibra natural e fibra tingida de tinta preta ou vermelha, preparada a partir de resina misturada a urucum ou carvão. Os padrões geométricos dos desenhos das *waja* tem significados importantes e estão relacionados às *wätunnä*.

<sup>19</sup> Kumaaduwaaka é o veneno da gente-cobra que fica na ponta da sua flecha.

conseguimos enxergá-las assim, a cobra que enxergamos é apenas sua flecha, que ele dispara na pessoa picada por ele.

A pessoa que fez ritual com *woi* também se torna *tänwa'dooto*, porque ele coloca o *woi* em cima do corpo, quase tocando seu corpo. Quando morre um parente, eles cortam o dedo pequeno do morto e deixam guardado no canto do telhado da casa para que ninguém possa mexer, depois de algum tempo é feito ritual de vingança com *woi*, a pessoa que está fazendo ritual de vingança se torna *tänwa'dooto* porque ele está matando gente de *odo'sha*.

Também a mulher que perdeu seu bebê no ventre fica *tänwa'dooto*. Mesmo com apenas um mês que o filho estava dentro do ventre e perdeu, fica *tänwa'dooto*, porque ele está dentro do corpo da mãe, a mulher não poderá fazer mais nada e fica afastada da família.

Aqueles que ficaram *tänwa'dooto*, como a pessoa que fez ritual de vingança, a pessoa que foi picada por cobra e mulher que perdeu seu filho no ventre, não poderão fazer mais nenhum dos afazeres da família e não poderão mais caçar durante um ano, eles ficam se limpando e se banhando com folhas para se limparem seu corpo. Diferente da *aji'choto* que também se torna *tänwa'dooto*, porque *aji'choto* poderá fazer os trabalhos do dia-a-dia, como ir à roça e poderá conviver com as mulheres.

E assim foi feito quando morreu o filho do professor, que foi trazido para a comunidade: eles enterraram *woi* junto com o corpo. A comunidade entrou em luto durante dez dias.

Em seguida veio a outra notícia: que o pai do meu esposo tinha falecido em Boa Vista no sábado e o corpo ficou em Boa Vista até segunda feira.



8: Limpeza com queimada da roça nova.

Foto da autora (2019)



Imagem 8: As manivas preparadas, sendo carregadas pela moça para serem plantadas na roça nova.

Foto: Foto da autora (2019)



Imagem 9: Roça nova queimada para plantio. Foto da autora (2019)

### 2.3 Restrições alimentares no luto

Na segunda-feira, dia 04 de fevereiro, eles levaram o corpo do meu sogro para a comunidade de Waikás, onde ele morava. Nesse dia, meu esposo e o seu cunhado fretaram o avião para ir às comunidades de *Kudatainha* e *Fuduwaaduinha* buscar pessoas e levá-las a Waikás para participarem do ritual funerário. De *Kudatainha* foi uma pessoa: o cunhado do meu esposo. De *Fuduwaaduinha* fomos eu e dois netos do falecido. Assim, viajamos para a comunidade Waikás e ficamos lá entre os dias 04 a 11 de fevereiro. A comunidade ficou de resguardo por quatro dias, entre dia 05 e 08 de fevereiro.

Nesses dias, percebi que os filhos e irmãos do falecido não comiam alimentos que consumimos no dia-a-dia. Quando amanheceu no dia 05, eles não comeram nada pela manhã. Ficaram esperando o sábio que tinha sido convidado por umas das filhas do falecido. Nós ficamos descascando o inhame para fazer mingau de inhame e, enquanto cozinhávamos, o sábio chegou e cantou o mingau para que os filhos e irmãos do falecido possam consumir. O sábio terminou de cantar ao meio dia e só então os filhos e irmãos puderam comer. Apesar de o canto precisar ser feito apenas para o primeiro consumo, durante os quatro dias eles só se alimentavam ao meio-dia. No quinto dia, 09 de fevereiro, teve o ritual para depois do luto. Tal ritual é semelhante ao que fizeram com *aji'choto*, quando todas as pessoas e moradores da comunidade participaram e apanharam com *kudaawa*. Após o término do ritual, as filhas do falecido ofereceram um café da manhã às 09h00h.

Depois do café, os homens foram no mato para apanhar o *adhaadi* (tipo de timbó) para pescaria com timbó. Sempre fazemos pescaria com timbó depois de luto ou depois fim de resguardo com a picada de cobra, essa pescaria com timbó é feita para limpar o corpo das pessoas ou para pessoas tomarem banho. Também quando as pessoas que fazem o tratamento com *woi* ou *dedewashi*,<sup>20</sup> a comunidade entra de resguardo durante quatro dias e depois desse resguardo também é feita a pescaria com o timbó<sup>21</sup>, ou até mesmo com a primeira colheita da roça, como explicarei mais adiante.

Nós usamos *dedewashi* como remédio, quando a pessoa está com dores ou com inchaço e outras doenças. *Dedewashi* foi trazido do céu para curar, ela é chamada de *adooni*, porque cura as pessoas. A forma de usar o *Dedewashi* é retirar o líquido do galho, o paciente

---

<sup>20</sup> Tipo de remédio. É uma árvore pequena que vive na beira do rio, ela é remédio que cura doença, dores no corpo, dor barriga frequente, dor no joelho, dores no braço e dor de cabeça.

<sup>21</sup> Timbó é um conjunto de plantas usadas por nós em pescarias coletivas. O sumo venenoso da planta é macerado na água e deixa os peixes atordoados, boiando, o que torna fácil a captura. O peixe pode ser consumido sem risco, mas o sumo venenoso, caso ingerido diretamente por alguém, leva à morte.

toma e fica inconsciente ou adormecido logo após a ingestão, mas o paciente não poderá ficar sozinho, tem que ter acompanhante e esse acompanhante tem que estar com adornos corporais e pintado, se não tiver usando isso o paciente poderá ver seu acompanhante pálido como uma pessoa morta e isso não é bom para pessoa. O paciente dormindo sonhará com seu futuro e com a comunidade também. Quando ele acordar, ele continua falando sem saber o que ele está falando. Tudo que ele vê irá acontecer mais tarde. Se alguém quiser visitar o paciente, tem que usar adornos e pinturas corporais. Quando paciente volta ao normal, as pessoas perguntam a ele o que ele viu em sonhos. Assim, o paciente melhora da sua doença.

Nós (eu e três meninas moradoras da comunidade) ficamos pegando *damai* (tipo de timbó) no terreiro da casa. Colocamos dentro do cesto até encher. Depois, todas as mulheres foram participar da pescaria. Chegando ao local, os homens estavam perto batendo o timbó na água e já com fome e sede. Eles não levaram suas comidas consigo, as mulheres levaram chibé e ficaram servindo para eles. Lá, um senhor, um dos irmãos do falecido, ficou fazendo buraco para as mulheres fazerem *damai ajoodö* (amassar a folha de timbó). Depois que terminamos, colocamos timbó dentro de um igarapé. Todo mundo ficou dentro do rio esperando o peixe. Na noite passada tinha chovido e tinha enchido pouco o rio, por isso que os peixes não morreram e ficou difícil pegá-los. Por estar difícil pegar peixe, retornamos para comunidade.

Quando estávamos na pescaria ainda, ficamos conversando com minha sobrinha, umas das filhas da minha prima. A minha sobrinha mora na comunidade Waikás com a avó desde criança e casou-se lá. Ela falou que seu marido iria descer para cidade de Boa Vista no dia 10 ou 11 de fevereiro. Como ela tinha comentado comigo, falei sobre isso com Camilo e ele ficou de conversar com marido da minha sobrinha. Eu comentei, pois Camilo havia me contado que, quando a comunidade saísse de luto, iríamos descer de barco para Boa Vista, quando alguém fosse para a cidade.

No dia seguinte, Camilo pediu para seus sobrinhos irem caçar e eles foram à caçada de *duukwadi* (porco do mato). Eu fiquei em casa fazendo beiju para levar para Boa Vista. Quando deu meio dia estávamos almoçando peixe e chega uma senhora para entregar *duukwadi*. Ao terminar de cozinhar o porco do mato, fui para roça para buscar mandioca. Uma das filhas da minha cunhada foi comigo para me ajudar a descascar as mandiocas. Chegamos de volta à comunidade às 16h30min e imediatamente comecei a lavar mandiocas para poder ralar na máquina que usamos para esse fim. Depois que terminei ralar, a filha da minha cunhada começou a colocar no *tönkoi* (tipiti) para espremer massa e ficamos esperando a massa secar completamente. Chegaram os sobrinhos do Camilo da caçada com *duukwadi* e

*kuyuuwi* (cujubim). Nesse dia jantamos *duukwadi* e minha filha, Caemy, “se acabou” de comer. Em Waikás há fartura de *duukwadi*, por isso aproveitamos para levar carne moqueada para casa, ao final da visita. Às 20h00h, o cunhado do Camilo chegou para avisar que desceríamos no dia seguinte para Boa Vista com o marido da minha sobrinha.

## 2.4 Viagem para Boa Vista

No dia 11 de fevereiro descemos para cidade. Nesse dia acordei muito cedo, às 04h30min da manhã, para arrumar minhas coisas para viagem. Saímos da casa das minhas cunhadas às 06:00h para ir ao porto, o pessoal arrumou a *kudiiyada* (canoa) para viagem e, então, saímos às 07:00h da manhã. Foram nove adultos e três crianças. Nessa viagem foi junto o *kooko* (vovô), o sábio mais conhecido nas comunidades ye'kwana tanto no Brasil quanto na Venezuela, Vicente Castro.

Sentei perto dele e, enquanto viajávamos, ficamos conversando com ele. Ele nos contava as histórias dos lugares importantes por que passávamos. Quando estávamos passando por *Waju antadöinha* (ilha), ele apontou que ali os nossos parentes tinham sofrido um massacre. Ele contou que os *Kasadaapai* (subgrupo Yanomami) tinham matado os homens Ye'kwana e levaram mulheres com eles para ser suas esposas. Enfim, ele contou a história como aconteceu. Não sabia sobre essa história que tinha acontecido com meu povo. Mas eu não anotei nada o que ele estava contando, eu lembro um pouco do que estou relatando. É costume dos mais velhos ou sábios ficar contando histórias sobre os lugares específicos ou sagrados, os acontecimentos que eles sabem que ocorreram ali. Para eles, é uma forma de ensinar aos mais jovens oralmente e contando *wätunnä* ou transformar a vida do povo. O povo ye'kwana antigamente guardava as *wätunnä* em memórias, hoje os jovens não são mais capazes de guardar na memória e tem que anotar no caderno. Quando passamos pelos lugares, os mais velhos contam sobre o que aconteceu ali.

Viajamos o dia inteiro. Passamos por várias cachoeiras e ele falava todos os seus nomes. Como não anotei, não sei mais os nomes das cachoeiras. Passamos por cinco barcos dos garimpeiros que estavam entrando na área. Chegamos ao porto aonde se pega caminhão às 17h00h da tarde no mesmo dia e o caminhão chegou às 17h30min, partimos do porto para ir à cidade às 18h00h da noite e chegamos à cidade às 20h00h. Assim, fui para Belo Horizonte para fazer prova de proficiência linguística do mestrado, passei quinze dias em Belo

Horizonte, depois retornei de novo para Boa Vista, para depois ir para minha comunidade de origem e continuar com minha pesquisa de campo.

Na ida para minha comunidade foi muito difícil, porque eu estava tentando conseguir a autorização do coordenador da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), responsável pela saúde indígena de Roraima Yanomami e Ye'kwana. Não consegui essa autorização para entrar na minha comunidade de carona no voo, a Sesai não autorizou. Então decidiram fretar avião, porque tinha mais pessoas na cidade de Boa Vista para resolver as coisas pessoais, então associação Wanasseduume Ye'kwana decidiu fretar um avião para entrar na comunidade. Tivemos que pagar a nossa ida para comunidade. Por isso que foi muito difícil meu retorno à comunidade.

## **2.5 De volta à comunidade e a retomada da pesquisa – plantio das roças novas.**

Quando cheguei finalmente à minha comunidade, o Camilo, pai dos meus filhos, já havia feito a queimada da roça. Essa roça era para plantar banana. Isso foi pouco tempo depois que já havia chegado à comunidade. Convidei Dona Amélia para cantar no primeiro plantio na roça, nesse dia não pude acompanhar ela na roça, foi minha irmã caçula, junto com a minha sobrinha, que foram acompanhar ela até a roça. A senhora chegou muito cedo para ir à roça, porque ela havia sido convidada por outra pessoa para cantar na abertura de outra roça também. Nessa época do ano, as queimadas da roça de mata virgem sempre são feitas por todas as famílias.

Depois que foi inaugurada com canto para plantação, eu e minha irmã caçula e minha sobrinha plantamos *faduudu eyaaködö*. Nós sempre saíamos muito cedo de casa porque o caminho é longo, aproximadamente uma hora e meio junto com as crianças, nossos filhos. Ficamos plantando durante cinco dias.

No primeiro dia saímos cedo da nossa casa, eu, minha irmã, minha sobrinha e as crianças, porque tínhamos que buscar *faduudu eyaaködö* (mudas de banana) na roça velha e levar para roça nova para ser plantada, levamos muitas *faduudu eyaaködö*. Chegamos à roça e ficamos cavando os buracos para plantar *faduudu eyaaködö*. Quando dava meio dia nós parávamos para almoçar junto com as nossas crianças e descansávamos um pouco para depois continuar. Depois, começávamos de novo para trabalhar na plantação e cavar os buracos. Por volta de 15h00min, pedi para minha irmã começar a colocar as mudas de banana no buraco e tapar com terra. Como de costume, dizem que quando sua *äkaato* (sombra) com sol fica mais comprida é boa hora para plantar banana, porque aí que o cacho da banana fica comprido e

bonito. Também de manhã, quando o sol nasce sua *äkaato* fica mais comprida até às 10h00h da manhã, também é um horário bom para plantar banana. Assim, ficamos até às 16h30min e chegamos a nossa casa às 18h30min da tarde.

No segundo dia fomos novamente muito cedo para roça para fazer plantio de banana, porque no dia anterior tinha acabado *faduudu eyaaködö*, chegamos à roça e deixamos nossas crianças acompanhadas de minha sobrinha de 12 anos que já era *aji'choto*. Minha sobrinha ficou plantando milho na roça enquanto nossas crianças ficavam na barraquinha da roça cuidando de bebê de cinco meses na rede. Eu e minha irmã fomos à roça antiga da nossa tia, que já estava abandonada há mais de 10 anos, mesmo assim os pés de banana ainda eram muitos, lá pegamos muitas mudas e levamos para nossa roça para ser plantada, chegamos ao meio dia com as mudas, no almoço, na nossa roça nova. Depois ficamos cavando os buracos, às 15h00min da tarde a minha sobrinha começou a plantar as mudas no buraco, e ficamos lá até às cinco horas da tarde, nesse dia chegamos muito tarde à nossa casa, às 19h00min da noite.

No terceiro dia fomos mais cedo ainda, às cinco horas da manhã, junto com Camilo, que no dia anterior tinha pedido permissão para o enfermeiro da saúde para ir ajudar na roça no plantio de banana, já que ele trabalha no posto de saúde como agente de endemias. O enfermeiro autorizou que ele ficasse até meio dia, assim fomos para roça junto com ele. Ele foi ajudar a cavar os buracos para plantar as mudas, porque essa parte de cavar os buracos é a mais trabalhosa que há na roça, eu e minha sobrinha fomos com ele na roça, chegamos à roça às seis horas em ponto. Tomamos *wokö* (chibé), e depois começamos a cavar os buracos, ficamos cavando junto com ele até às 9h00h da manhã, quando deu oito horas a minha sobrinha começou a botar as mudas no buraco e eu e o Camilo continuamos a cavar os buracos. Quando deram as 9h00h o Camilo foi abrir o novo caminho na outra direção para casa, o caminho que seria mais curto para chegar a casa. Enquanto ele continuava na abertura do novo caminho, eu e minha sobrinha continuávamos na plantação das mudas, ficamos lá até onze horas da manhã. Depois que acabou as mudas, fomos ao encontro do Camilo, para voltarmos para casa. Nesse dia a minha irmã não foi na roça e as crianças também não foram, eles ficaram em casa porque nós não demoraríamos na roça.

No dia seguinte, decidimos descansar e ficamos em casa com crianças. Após um dia de descanso, fomos novamente para roça, antes fomos procurar as mudas na roça do que foi plantado no ano passado, porque nessa roça havia vários tipos de banana, as bananas que dão mais rápido são as que morrem mais cedo. Na roça antiga da nossa tia havia poucos tipos de banana, somente aqueles que duram muito tempo, que aguentam ficar até no mato são os tipos

*makedente* (banana-nanica), *wadiichu* (banana-de-são-tomé), *kanaadau* (banana-ouro) e *mansana* (banana-maçã). Os tipos da banana que dão mais rápido são *kwukwö*, *kawau* (banana-sapo), *kudaatana* (banana-da-terra), *wasai*, *adaawata* e *faduudune*, são esses tipos que fomos buscar para plantar. Ficamos lá até meio dia, depois de meio dia fomos em direção à roça nova e chegamos lá quase três horas da tarde, ficamos plantando as mudas até terminar, nesse dia terminamos a plantação das mudas de banana, mas faltava plantar outras coisas, então tivemos que voltar outro dia.

Demoramos alguns dias para voltar, e no quinto dia voltamos para roça para a plantação *ashiichadu yu'da'jödö* (mudas de cana), antes passamos na nossa roça antiga para pegar *ashiichadu yu'da'jödö*. Então levamos muitas *ashiichadu yu'da'jödö*, eram muito pesadas, carregamos na *wöwa* (cesto feminino para carregar). Chegamos lá na roça e ficamos plantando *ashiichadu yu'da'jödö* até terminar, nesse dia plantamos também outras coisas que estavam faltando plantar como pimenta, abóbora, cubiu e mamão. Finalmente terminamos nesse dia o plantio da nossa roça. Então é preciso esperar a época da limpeza, quando o mato nasce na roça. No tempo da plantação chegava à casa cansadíssima, não olhava para meu caderno, só ficava pensando o que eu iria escrever.

Pelo que pude observar como pesquisadora na minha comunidade, nessa época as mulheres trabalharam muito na plantação de banana. Elas trabalhavam acompanhadas de suas irmãs e cada família trabalhava na sua roça com ajuda da família. Assim é o trabalho na roça, em cada família. Através desse relato, é possível saber como nós Ye'kwana fazemos o trabalho de plantio de novas roças.



Imagem 10: Roça nova. Foto da autora (2019)



**Imagem 11: A muda de banana sendo plantada na roça nova.**

Foto da autora (2019)



**Imagem 12: tirando a muda de banana para ser lavada na roça nova e ser plantada novamente.**

Foto da autora (2019)



**Imagem 13: *As moças tirando as mudas de cana para serem plantadas na roça nova.*** Foto da autora (2019)



**Imagem 14: Mudanças de canas prontas para o plantio na nova roça. Foto da autora (2019).**



**Imagem 15: As mudas de variedades de banana já colocadas na dentro da *wöwa*, para ser carregada pela moça.**

Foto da autora (2019)

## 2.6 *Ädeejä*<sup>22</sup> ye'kwana – a origem dos alimentos

Falar da *ädeejä* é muito importante para o povo Ye'kwana, pois envolve a dimensão cosmológica do povo. Do mesmo modo que os sábios contam, quando nós perguntamos sobre as *wätunnä*, também conta a senhora sábia dona Amélia da comunidade *Yanatuinnha* (Venezuela):

“Nós temos nossas histórias de como surgiu alimento”. Antigamente havia dois irmãos, que se chamavam *Yuduujeme*<sup>23</sup> (era irmã do *Wadhaama*), *Wadhaama*<sup>24</sup> (era irmão da *Yuduujeme*), eles moravam em *Yuduujeme kanä*, que fica na Venezuela. *Yuduujeme* teve quatro filhos: duas meninas que se chamavam *Shiichanaadu*, *Shiicheweeni* e dois meninos que se chamavam *Yadetaniiyu*, *Yadejaniiyu*. Eles não tinham alimentos, comiam barro, não é qualquer barro, é o tipo de barro usado para fazer panela. Eles iam muito longe de sua comunidade, andando, na *Dinhaku fuduinha* (na cabeceira do rio *Dinhaku*), onde ficava o barro, e passavam uma semana sem retornar à sua aldeia. Nessa ida para buscar barro, eles deixavam as quatro crianças na aldeia sem alimentação. Então, sem comida, as crianças choravam de fome.

Os ancestrais do céu, os donos de *ädeejä*, pensaram em mandar *ädeejä* para as crianças, que choravam muito tristes de fome. Então veio primeiro *natö* (inhame), era como *soto*<sup>25</sup> que se chamava *Yaamajökwa*<sup>26</sup>, ele era o rapaz que desceu do céu e ficou dançando no terreiro da casa onde moravam as crianças, ele cantava para eles “*käjädeshiichatääkä mudeeshiyaanatoomo, käjädeshiichatääkä mudeeshiyaanatoomo, käjädeshiichatääkä*” (o canto que *Yaamajökwa* cantou), pedindo para as crianças tirarem o que estava nas suas costas, era *natö* (inhame). Quando viram *soto* dançando no terreiro, as crianças se assustaram, porque eles nunca o tinham visto antes. Só o mais novo que não tinha medo dele, ele falou para a criança mais velha: - ele está pedindo para tirar *natö*, vamos tirar logo! Então, as crianças pegaram uma vara e tocaram nas costas da pessoa e de repente caíram muitos *natö*, tocaram duas vezes e caíram muitos. Assim, ele pediu para as crianças assarem o *natö* e foi embora para o céu.

<sup>22</sup> A forma que os sábios chamam os alimentos, tudo que está plantado na roça é *ädeejä*.

<sup>23</sup> Nome de uma mulher ancestral que teve quatro filhos.

<sup>24</sup> Nome de um homem ancestral que teve o primeiro contado com *ädeejä* no céu.

<sup>25</sup> É o conceito ye'kwana de gente, exclusivamente usado para se referir a pessoas ye'kwana.

<sup>26</sup> Nome do dono do inhame, conhecido pelos cantos. Para ele os cantores pedem permissão nos cantos, antes de consumir, como: permissão de comer depois do nascimento do filho, depois da primeira menstruação etc.

No dia seguinte veio outro *soto* do céu *Kajuumakaadinhanu* (céu onde fica *ädeaja*) que se chamava *Meddawa*<sup>27</sup>, ela era a dona de *ädeaja* e era uma moça que trouxe beiju, feito por ela mesma. Foi a criança mais nova que ouviu de novo quando ela estava descendo do céu, e outros ficaram com medo dela. Ela entrou pelo telhado da casa onde moravam as crianças. Assim ela ofereceu beiju para as crianças.

A moça falou para as crianças: - tomem esse *Uu* (beiju), a partir de agora vocês vão comer esse beiju. Assim as crianças se alimentaram. Então a *Meddawa* pediu às crianças para não comerem todo o beiju, tinha que deixar um pouco. Então as crianças deixaram do jeito que *Meddawa* pediu. No dia seguinte, quando amanheceu, havia muito beiju.

A mãe e tio das crianças estavam em *Mawaadi Jödöinha* (nome do local onde estavam), estavam voltando para sua aldeia quando a *ädeaja* desceu para crianças. Então no dia seguinte a mãe deles, *Yuduujume*, e seu irmão, *Wadhaama*, chegaram à aldeia. Enquanto estavam chegando ainda, seu irmão começou a tocar um instrumento para avisar às crianças que estavam chegando. Como de costume, eles sempre avisavam quando estavam perto da aldeia, assim as crianças iam até o encontro de sua mãe, que estava longe ainda, pelo caminho. Assim eles fizeram, tocaram o instrumento e nada de *Yuduujume* encontrar suas crianças. Eles estranharam, porque as crianças não vieram em seu encontro no caminho. Eles chegaram até a casa e entraram, as crianças estavam tranquilas balançando nas suas redes, a mãe perguntou: - cadê vocês que não foram ao meu encontro?

Uma de seus filhos mais novo foi até sua mãe falou: - estamos comendo o *Uu* (beiju) mãe, que é mais gostoso que barro, não queremos mais comer isso que vocês trouxeram!

Assim ele ofereceu à sua mãe o beiju, ela comeu e gostou. Então ela foi até seu irmão e ofereceu beiju, ele também gostou, assim eles comeram.

*Yuduujume* pediu seu irmão *Wadhaama* para procurar de onde veio *ädeaja*, que estava tão gostoso. Então seu irmão *Wadhaama* foi atrás e nada. Ele foi até a árvore mais alta e ficou fazendo ponte na direção do céu, então anoiteceu, ali mesmo ficou chorando, porque nunca iria conseguir achar *Ädeaja*. Vieram quatro crianças do céu, que eram filhos da *ädeaja edhaajä* (dona da roça que fica no céu), seus nomes eram *Edaawinheedu koomo*, *Kaweeyumaana koomo*, *Weedemaana koomo* e *Edaajayuuwa koomo*<sup>28</sup>.

O mais velho deles que se chamava *Edaawinheedu*, perguntou a *Wadhaama*:

*Edaawinheedu*: - O que você está fazendo aí?

<sup>27</sup> A mulher que trouxe beiju pronto aqui na terra, para as crianças que estavam chorando de fome.

<sup>28</sup> Os nomes dos quatro filhos da dona da roça que mora no céu.

*Wadhaama*: - Estou procurando *ädeaja*! Onde está beiju? Quero encontrar muito! Vocês sabem onde posso encontrar o que eu quero?

*Edaawinheedu*: - O que é *ädeaja*?

*Edaawinheedu*: - A *ädeaja* não é daqui da terra não, você não pode encontrar em qualquer lugar! Você não pode achar aqui! Está muito longe de achar!

*Wadhaama*: - Será que posso ir com vocês? Quero ver *ädeaja*. Quero ver muito *ädeaja*!

*Edaawinheedu*: - você pode ir com a gente!

*Wadhaama*: - vou com vocês!

Assim, eles entregaram uma roupa para *Wadhaama*, para ele voar junto com eles para o céu. Então *Wadhaama* trocou seu nome, que se chamou de *Yaadinhaamakomo*. Assim eles foram para o céu voando. Eles estavam quase chegando. Lá de onde ainda se via aldeia ao longe *Yaadinhaakomo* trocou seu nome de novo e se chamou de *Tadenakuuwa*.

Então eles finalmente chegaram à casa da mãe deles, que se chamava *Udeenadi*<sup>29</sup>. Ela estava em casa vendo as pessoas cantando, fazendo seus cantos. Mesmo com a entrada dos filhos na casa, ela não prestou atenção. Então os filhos chegaram com fome, eles mesmo se serviram para comer. Ela estava tão ligada nos cantos que não percebeu que tinha outra pessoa com seus filhos. Os filhos, por sua vez, o esconderam num canto da casa. Quando chegou à casa da *Udeenadi*, *Tadenakuuwa* trocou seu nome de novo que se chamou de *Edaamayuuwa*. Enquanto estavam comendo com os filhos, ela olhou para os filhos, não havia nada estranho, porque *Edaamayuuwa* estava escondido no canto da casa. Os filhos dela estavam comendo beiju acompanhado de *moto* (minhoca) e *kanoi* (peixe).

Assim que terminaram de comer, *Edaawinheedu* pediu para irem à roça da sua mãe *Udeenadi*. Então eles foram à roça da mãe deles e levaram com eles o *Edaamayuuwa*, escondido da mãe, eles foram voar por cima da roça, porque naquele tempo eles voavam igual à andorinha.

Então eles chegaram à roça, a roça era enorme e tinha duas montanhas uma do lado da outra, que se chamam *Kaishu'jödö* e *Madaakunaadijödö*, no meio dessas montanhas estava a roça da *Udeenadi*. A vista da roça era bonita, com a plantação de mandioca. Então eles voaram em cima dessa roça. Então o mais velho falou para seus irmãos:

*Edaawinheedu*: - Agora vamos ao meio da roça!

---

<sup>29</sup> Nome da dona da roça no céu.

Assim eles foram ao meio, enquanto voavam no meio o *Adeedamaanakuuwa* tocou a mandioca com a barriga, de repente trovejou muito forte. Assim eles pararam. O mais velho falou:

*Edaawinheedu*: - O que você fez? Não faça nada! Agora vamos no meio dos galhos de maniva!

O mais novo deles: - vamos!

Então eles foram voando no meio dos galhos, assim ele quebrou um galho e escondeu debaixo da unha. De repente, trovejou nas montanhas *Kaishu'jödö* e *Madaakunaadijödö*, ele se escondeu dentro de um buraco de árvore. A *Udeenadi* saiu de casa e tomou susto, que houve com a minha roça? Quem está mexendo na minha roça? Chegou até lá muito brava, encontrou seus filhos e falou para eles:

- O que fizeram? Porque estão mexendo na minha roça? Quem está com vocês?

Seus filhos ficaram calados e não responderam nada a sua mãe. Então ela continuou procurando a pessoa e nada, porque ele havia se escondido dentro de um buraco de um galho de árvore. Assim ela voltou para casa para buscar alguma coisa para clarear e continuar procurando. Ela trouxe com ela relâmpago muito forte, que clareou tudo, até os buracos de galhos, e encontrou uma pessoa escondida, ela puxou pela perna e jogou no chão. Falando com ele:

- O que você fez com a minha roça?

Assim ela procurou e não achou o galho que estava na unha dele, ela olhou na boca dele e nada. Ela pegou no cabelo dele e arrancou o cabelo com couro dele, depois tirou toda a pele dele e colocou pendurada. Assim ele acabou morrendo.

Tinha uma pessoa que chegou para avisar *Yuduujume*, a irmã dele, sobre ocorrido. Falou para sua irmã *Yuduujume*:

- Mataram seu irmão!

Ela se assustou e perguntou:

- Por que? O que ele fez?

Então ela pegou tabaco do seu irmão e colocou de molho e levou com ela o tabaco do irmão de molho. *Yuduujume* foi para o céu atrás do seu irmão morto e trocou seu nome, passando a se chamar *Weshuumau* e chegou lá falando:

- O que ele fez de errado? Por que mataram meu irmão?

*Udeenadi* estava lá no local esperando, ouviu *Weshuumau* falar e respondeu ela:

- Por que eu matei? Ele roubou minha roça!

- Então o que você vai fazer com ele agora?

A irmã disse de novo:

- O que eu vou fazer? Vou ressuscitar ele.

Então ela jogou o tabaco que deixou de molho em cima do corpo do seu irmão, ele ressuscitou e virou gente que se chamou de *Tadeenakuuwa*.

Assim a *Udeenadi* ficou feliz e falou para ele:

- Agora você pagou com sua vida! Vou dar para vocês levarem *ädeeja*!

Então ela entregou tudo que existe na roça, *kawaadatu*, *dinhawaayu*, *madakomo adooni*<sup>30</sup>, tudo que plantamos na roça. Falou para irmã:

- Você fez coisa certa, que ressuscitou seu irmão! Agora podem levar tudo!

Assim ela entregou para eles.

Eles desceram na terra de novo trazendo a *ädeeja* com eles, eles estavam trazendo dentro de *wöwa* (cesto), eles estavam cantando para trazer e para não dar problema com *ädeeja*. Quando chegaram à lagoa eles molharam, para as mudas não morrerem e cantando, *Wadhaama* trocava seu nome toda vez que chegava à lagoa para molhar a mudas. Quando eles chegaram aqui na Terra, seu nome era *Mashakuuwa*.

Eles encontraram uma aldeia onde estava morando um chefe chamado *Madakanaadu* era na comunidade *Kuntanaamainha* e *Kamaasoinha*, que fica na Venezuela. Entregaram para ele a *ädeeja*. Então ele falou para eles:

- Vocês têm que plantar lá no *Känuukudoojo*!

Então ele indicou onde hoje está o Monte Roraima (*Dodoimma*), eles foram até o local indicado pelo chefe para plantar *ädeeja*. Foi *Katöödeu* (passarinho) quem plantou a *ädeeja*, que passou a se chamar *Dodoimma*, fazendo seus cantos para ele ficar forte.

Assim que terminaram de plantar, *Wadhaama* e sua irmã voltaram para sua terra de origem, *Yuduujume kanä*.

Então *Dodoimma* cresceu muito rápido, na mesma noite que foi plantado, no dia seguinte suas frutas já estavam prontas para consumir. De madrugada as pessoas ouviram barulho de abelhas cantado na fruta.

Foi *Wadhaama* quem descobriu primeiro que *ädeeja* já estava pronta, ele não avisou a sua irmã que já estava pronta. Ele sempre ia lá ao local, comer as frutas. Toda noite ele ia comer as frutas escondido da sua irmã, chegava de manhã bêbado de *yadaaki* (caxiri). Sua irmã percebeu que ele estava escondendo algo dela, até perguntou:

---

<sup>30</sup> É uma palavra muito forte na língua Ye'kwana, que tem vários significados. Para ficar bem e ficar saudável ou com saúde. Está ligada aos seres vivos, as plantações e os humanos. *Adooni* garante que eles tenham saúde.

- O que você está comendo? Que estava cheirando gostoso enquanto você dormia?

Ele respondeu sua irmã:

- Nada de mais!

Sua irmã falou:

- Então traga para mim, quero provar o que é!

Quando caiu a noite ele foi novamente, toda vez que ele ia ao local ele virava um *kuichui* (macaco). Ele trouxe para sua irmã apenas uma fruta, mas que não era fruta de *ädeaja*.

Ela falou para ele:

- Não é esse cheiro que eu sinto em você!

Irmão dela:

- Essa é sim a fruta que estou comendo!

Então ela decidiu seguir seu irmão à noite. Enquanto seguia seu irmão ela virou uma paca, que foi por baixo. Seu irmão andava mais rápido que ela, que se perdia dele e ficava ali no local esperando seu irmão de madrugada, ele passava de novo para casa, ela ficava por ali mesmo esperando anoitecer, quando anoitecia ele passava de novo por cima das árvores e ela continuava seguindo-o. Assim, ela ficava esperando quando se perdia. No terceiro dia ela chegou ao local e viu muitas frutas gostosas. As frutas já prontas como inhames já maduros, *yadaaki*, *kushi* e outros.

Assim ela levou as frutas para o chefe que tinha indicado o local de plantio, que a *ädeaja* já estava pronta. Então *Madakanaadu* pediu para ela:

- Agora que já está pronta! Podem arrancar os galhos e trazer para cá!

Então ela foi avisar para dona de quem plantou *Dodoimma*, que é *Katöödeu*. Ela tirou os galhos e levou no seu cesto. Ela levou e chegou numa aldeia *Aduudu jödönha*, que fica logo acima de onde hoje está a comunidade *Tajäde'datoinha*, em Auaris. Lá morava *Maanaweedu* com seu irmão *Ajanhakuuwa*. Então *Katöödeu* chegou nessa aldeia para descansar, ela deixou seu cesto com *ädeaja*. Então *Maanaweedu* roubou *ädeaja*. *Maanaweedu* tinha uma filha criança chamada *Faduuduweeni*, por causa dela que ele roubou *ädeaja*.

Assim que eles perceberam que *ädeaja* foi roubada, eles foram embora. Eles fizeram um buraco para chegar mais rápido lá onde morava chefe, eles saíram do buraco lá mesmo onde morava *Madaakanaadu*. *Katöödeu* entregou *ädeaja* para ele.

Tinha muita gente na aldeia, aonde eles chegaram estavam todo mundo reunido, *Katöödeu* entregou *ädeaja* e deixou. Tinha uma pessoa chamada *Yamaasuweeni*, falou para todo mundo que ela que iria plantar. Assim ela pegou e foi plantar no terreiro, sem canto sem nada. No dia seguinte ela foi olhar seu plantio no terreiro, não tinha nascido, o pé estava bem

fraquinho. Eles pensaram que iria crescer na mesma noite, como cresceu *Dodoimma*. O que não cresceu *ädeejä* eles chamaram de *Madaawaka Saja* (montanha), até hoje existe esse *Madaawaka Saja* (montanha) igual à *Dodoima* (Monte Roraima).

De repente, *fä'nä* (nambu) começou a cantar, cantava assim: aqui tem a terra boa para plantar *ädeejä*! Eles ouviram o canto e decidiram tirar da terra e levar a *ädeejä* até o local que nambu cantou. Eles levaram cantando para ele ficar bem. Dessa vez foi *Kamasanaadu* que levou *ädeejä* para plantar na terra boa.

*Odo'sha*<sup>31</sup> *komo* descobriram que eles estavam levando *ädeejä*, assim eles fizeram uma ponte para eles atravessarem e caírem no rio. Então eles, as pessoas que estavam levando *ädeejä*, descobriram o plano de *odo'shankomo*, o que eles fizeram. Assim eles fizeram outra ponte para atravessar o rio *Kuntama* (rio que fica na Venezuela), tinha uma pessoa chamada *Waduumichaawa* e seu irmão *Yuuwananiwa* fizeram como ponte, porque seu irmão ficou do outro lado do rio e outro ficou do outro lado, assim eles deram as mãos um ao outro e formaram uma ponte. Foi nessa ponte que eles atravessaram com *ädeejä* sem cair no rio. Até hoje existe essa ponte lá no local.

Eles chegaram ao local de plantação e *Kamasanaadu* plantou *ädeejä*. *Kamasanaadu* era cunhada de *Katöödeu*, foi sua cunhada que plantou dessa vez, a *ädeejä* foi plantado no terreiro e fizeram o canto de novo para ficar bem.

A *ädeejä* cresceu na mesma noite que foi plantado e se chamou de *Madaawaka*, as suas frutas amanhecera já prontas. As pessoas ficaram muito curiosas e saíram muito cedo da casa para olhar e viram uma árvore enorme no terreiro, que chegava até ao céu.

Assim a *Kamasanaadu* pediu à sua cunhada *Katöödeu* para ela ficar *chuu nhaadö* (limpando o pé da planta). Nessa época que começou *chuu nhaadö* nas plantas. O pé da *Dodoimma* não foi limpo. Ela escolheu para ficar limpando no mesmo local, *Makashana* com sua irmã e *Waduuduku* com sua irmã também, assim elas limpavam o pé de *Madaawaka*. Enquanto limpavam-na, cantavam. As frutas começaram a cair em cima delas. *Katöödeu* falou para *Kamasanaadu* que as frutas caíram em cima dela muito fortes. Ela pediu para derrubar a árvore, que era enorme.

*Kamasanaadu* pediu para *Washuumeniiyu* cortar a árvore, com seu irmão *Yakuunuwaana*. Também pediu a *Maadakaana*, *Taatawi* e *Kashuwedeke*. Eles começaram a cortar o pé de árvore junto com *Dakäänä*, seu irmão. Eles começavam a cortar bem cedo até anoitecer e a árvore não caía, à noite eles paravam, iam descansar em casa. No dia seguinte

---

<sup>31</sup> As pessoas que queria estragar o plantio da mandioca ou fazer mal. Nos dias atuais acreditamos que *odo'sha* que fica fazendo mal para as pessoas.

bem cedo voltavam ao pé para continuar a cortar e eles encontravam o pé do mesmo jeito, como se não tivesse sido cortado no dia anterior, o corte estava sarado. E começavam a cortar de novo, eles ficavam cansados sem vontade de cortar, com ressecamentos nos lábios. Então a *Kamasanaadu* pediu para *Diiweddu* ir ao céu buscar pimenta para *Fomiidiki*. Ele retornou com pimenta e eles colocaram a pimenta na boca das pessoas que estavam cortando *Madaawaka*. Eles passaram a pimenta no corte de árvore também, assim o corte não sarou mais. Eles continuaram cortando. Eles viram que o pé não estava caindo. *Kamasahanaadu* pediu para *Waduudu* ir ver o tronco, porque não estava caindo a árvore. Ele subiu rápido e chegou de novo. Ele falou para *Kamasanaadu* que tinha uma corda que estava amarrada no céu, segurando a árvore. *Kamasanaadu* pediu para ele subir de novo e cortar as cordas que estavam amarradas. Então ele subiu de novo para cortar. Tinha muita gente, como pássaros, animais, todos os seres vivos que estão na terra esperando a árvore cair para pegar as frutas<sup>32</sup>.

Então as pessoas pediram para onça e anta buscar água no rio muito longe. Quando eles chegaram lá, eles ouviram o barulho da queda de árvore. Eles vieram correndo, quando chegaram ao local, não tinha nada para eles, as pessoas tinham pegado tudo. Então onça falou para anta:

- Vamos comer humano?

Anta:

- O quê, vamos comer folhas?

A anta não escutou direito o que onça falou, por isso que ele respondeu assim. Dizem que a partir daí a onça se zangou muito, por isso que ele come gente. E anta, por sua vez, come folhas no mato, por responder a onça. Dizem que se ele tivesse ouvido direito, ele também iria comer os humanos nos dias atuais, igual à onça. Eles dois tinham feito um cesto enorme para pegar as frutas de *ādeēja*, por isso que o chefe os mandou para buscar água muito longe, e assim eles perderam as frutas, porque quando chegaram as pessoas tinha tomado tudo, não sobrou nada para eles.

Por estar com raiva, a anta pisou em cima do pé de árvore, que virou uma pedra, e *Madaawaka* virou Monte muito alto que não se vê a ponta dele. Galo subiu em cima do pé da árvore e virou pedra também. Hoje em dia dá para ver eles lá no monte, a estátua de anta e galo.

Foi assim que as pessoas pegaram todas as frutas, os ancestrais de todos os povos estavam lá, pegando as frutas. O ancestral dos Ye'kwana pegou um galho de *Madaawaka*

---

<sup>32</sup> No tempo antigo, no princípio do mundo, todos os animais viviam como gente aqui na Terra, eram pessoas. Hoje somente o xamã pode enxergar a aldeia dos animais, onde eles continuam vivendo como gente.

(maniva), e guardou consigo. Tinha ancestrais dos outros povos, um que pegou somente *äinha* (milho), e outro pegou somente *shaaku* (batata-doce) ou *fyeichä* (cará). Foram elas, *Makwawaana* e *Yakwawaanai*, que guardaram o galho para poder plantar depois. E *Fakwawa* pegou sua raiz. Então ela pediu para seu irmão *Fuduumanhadi*, fazer uma roça. A partir daí que começou a derrubada da roça, como fazemos até os dias de hoje.

Outros povos têm suas histórias sobre as origens dos alimentos, como nós Ye'kwana. Morim nos conta a origem dos alimentos segundo os Krahô:

Caxêkwyj caiu do céu em forma de rã, virou mulher e se casou com um jovem solteiro, que a mantinha em sua casa dentro de um cesto pendurado no telhado. Ela queria ficar escondida em segredo, visível apenas para o marido, mas foi descoberta pela cunhada. Assim, Caxêkwyj passou a viver entre os humanos e ofereceu seus “filhos” para seu novo povo, as plantas cultivadas que ela trouxe do céu. Foi ela quem trouxe as mudas de batata-doce, amendoim, inhame, mandioca e outros vegetais, quem ensinou a cultivar o milho, a fazer a roça, o paparuto etc. Caxêkwyj veio de longe e seu casamento com um mēhĩ realiza, assim, uma mediação entre mundos distintos: o céu e a terra, o alto e o baixo, o próximo e o distante, humanos e não humano. Porém, contrariando a regra da uxorilocalidade, foi ela quem se mudou para a casa do marido. Um dia Caxêkwyj ficou grávida e, quando a criança nasceu, nenhum dos pais respeitou o resguardo. A criança morreu e Caxêkwyj resolveu se vingar. Ela foi para o mato, tirou a água do tímbo e deu para os homens, que morreram envenenados. Então, Caxêkwyj abandonou a aldeia e voltou para o céu, sua antiga morada. (Morim, 2017: 463/464).

**Imagem 16: Desenho do *kuchui* feito por aluno na parede dentro da casa comunal, onde são realizadas as festas tradicionais e reuniões.**

**Foto: Jacqueline Rocha (2021).**



### 3 O cultivo de alimentos e o trabalho nas roças.

A roça é das mulheres, são elas que cuidam da roça e preparam alimentos para sua família. Tudo que está ligado à alimentação é tarefa feminina, também preparar e limpar a caça para consumo.

Na primeira abertura de roça, os homens de todas as famílias da comunidade sempre se reúnem na *attä* para conversar e combinar a organização da comunidade e do trabalho. Primeiro eles perguntam para suas mulheres em casa, para poder discutir na *ätta* com os outros homens e organizar o trabalho. O tuxaua (chefe) pergunta a cada representante da casa de cada família se já conversou com sua mulher a respeito da roça, se sua mulher vai querer sua roça nova. Então os rapazes contam quantas roças vão querer, porque às vezes a mulher vai querer uma ou duas roças. Assim eles organizam o dia em que vão começar a trabalhar, porque também tem a caçada antes de começarem a derrubada da roça.

Para derrubada da roça tem que ter caça. Os mais velhos contam que o *äddwaajä* (roça) fica faminto. Por isso, tem que ter almoço no meio da roça, para comer a caça. Enquanto você come a carne de caça, *äddwaajä* fica satisfeito. Não é por você que está comendo a caça, é por ele. Dizem que se não tiver a caça para alimentar *äddwaajä*, ele vai se vingar da pessoa. Hoje em dia, a comunidade decidiu fazer almoço na roça somente no primeiro dia do trabalho. Antigamente, o povo fazia o almoço na roça todos os dias durante a derrubada.

Esse almoço na roça também é muito perigoso. Na hora do almoço tem que chegar todo mundo junto para começar o almoço, se ficar um homem para trás, pode acontecer algo muito ruim a ele, como aconteceu na comunidade com meu tio. Na ocasião, o povo pensou que já estava todo mundo no local do almoço e começaram a comer. Eles nem perceberam que alguém estava faltando, então eles escutaram o barulho de árvore caindo muito forte e eles percebem que alguém estava ausente e foram olhar na direção do barulho onde houve a queda da árvore. Então eles encontraram o homem debaixo da árvore sem vida. Por isso que é muito perigosa a derrubada de árvores.

No primeiro dia da derrubada, antes de sair, os rapazes levam *wöwö* (machado) na *ättä*, para que os mais velhos cantem. Esse canto é para pedir a proteção dos rapazes que vão trabalhar na derrubada, porque a derrubada da roça é muito perigosa e alguém pode se machucar ou até morrer. Os mais velhos também orientam os rapazes para ficar espertos ao cortar uma árvore para saber onde ela vai cair, para não cair na direção das pessoas.

Todo dia de manhã, antes dos homens saírem, as mulheres levam os alimentos na *ättä*, para que saiam alimentados para trabalho da derrubada. Também as mulheres vão para a derrubada da roça e levam comida, como chibé e *yadaaki*, para servirem para os rapazes. A mulher que foi servir chibé na derrubada da roça, quando chegar em casa ela não pode comer, porque se ela comer, algo pode acontecer com seu marido, pai, irmão e filho, dependendo de quem estiver trabalhando na derrubada da roça. A mulher fica sem comer até que os rapazes cheguem em casa.

Assim é feito o trabalho da derrubada em conjunto. Já no final, vem o ritual da derrubada *tookí edeemi'jhödö*. Esse ritual é feito como fez Shiiwanaatödiyyö, foi ele quem começou com a primeira derrubada da roça, de acordo com os ensinamentos de *wätunnä*. Como conta a sábia dona Amélia: Shiiwanaatödiyyö que começou a primeira derrubada da roça chamada *faduuwaka*<sup>33</sup>. Depois que foi derrubada a *Madaawaka*, o galho se quebrou, tinha uma mulher chamada *Yakwanaadi*, ela que guardou o principal *ködheedajä* (maniva) ou galho. E tinha sua irmã também chamada *Fakkwawa*, ela guardou somente as raízes. Ela que pediu para seu irmão derrubar sua roça, aí que começou nosso costume de pedir a seu irmão para derrubada da sua roça. *Fakkwawa* falou para seu irmão, chamado *Fuduumanhadi*: - tenho *yeedaajai* (tipos de cultivos plantado na roça) guardado, por isso que eu quero uma roça para plantar minha *yeedajai*. Assim, seu irmão *Fuduumanhadi* começou a derrubada, mas não deu certo, porque tinha *odo'sha yuunakaanei* (Odo'sha que estragava), então ele procurava outro lugar e trocava seu nome também, ele trocou seu nome três vezes. Ele mudava de nome para enganar *Odo'sha*, para virar outro e não ser reconhecido.

Finalmente ele se mudou onde deu certo, primeiro não deu certo porque *odo'sha* sempre estava o seguindo, assim ele pensou muito, por que isso sempre está acontecendo comigo, pensou ele. Então decidiu ir para *kajuinha* (céu), onde estava seu avô, ele era dono de *awaanana*<sup>34</sup>. Então quando chegou lá ele perguntou a seu avô:

- Por que a roça que faço não está dando certo? O que eu faço agora?

Então seu avô respondeu:

- Fez muito bem em me procurar!

Ele foi pedir para outro neto, que cuidava da *awaana*, que ele entregasse *awaana* para *Shiwanatidiiyyö*. Seu avô entregou tudo: *awaana* e *mada komo*, para não ser mais estragado pelo *odo'shankomo*. É assim que foi trazido *awaana* e *mada* do céu.

<sup>33</sup> Primeira roça que foi chamada assim na cultura ye'kwana. Até hoje existe essa roça com plantações.

<sup>34</sup> Uma planta que plantamos no meio da roça, quando escolhemos local para ser roça, para proteger de *odo'sha*.

Seu avô orientou o neto sobre o uso de *awaana*, quando chegasse na Terra para continuar na derrubada da roça da sua irmã. Então seu avô falou para o neto:

- *Umaakä'de*<sup>35</sup> (tem que assoprar) com *awaana*, primeira faz com *etödötojo*, depois assopra, antes de você ir para direção da roça.

Assim ele fez e assoprou, quando viu o local da derrubada já era bem bonito para ser derrubada a roça. Também ele assoprou seus convidados, homens e mulheres, para não se machucarem no trabalho da derrubada, os homens iriam trabalhar na derrubada da mata e as mulheres servindo *wokö*. Finalmente deu certo na derrubada da roça, que foi chamada *Faduwaka*. Neste tempo, todos os pássaros eram gente e ajudaram ele na derrubada da roça.

Depois que terminou a derrubada, fez uma festa *Tooki edeemijhödö* (festa da derrubada da roça), todas as pessoas que ajudaram na derrubada foram participar da festa, trouxeram também *yadaaki* do céu, foi primeira vez que também *yadaaki* desceu do céu. O ritual ou festa é feito para pedir que o que foi plantado na roça fique saudável. Nos dias de hoje, continuamos realizando essa festa, para garantir que tenhamos roças fortes e saudáveis.

Depois que secou as folhas, *Shiiwanatödiyö* foi novamente para o céu, para pedir fogo. Ele encontrou *Makunaima*, dono do fogo, e pediu para ele o fogo, dizendo: eu queria fogo para fazer limpeza da roça. Assim o *Makunaima* deu fogo para *Shiiwanaatödiyö*. E o *Shiiwanaatödiyö* trouxe o fogo do céu aqui na terra.

Finalmente ele fez a queimada da roça, limpou tudo na roça *Faduwaka*, essa roça era enorme e tinha no meio um igarapé. Depois da queimada, ele avisou para sua irmã *Fakkwawa*: sua roça já está pronta para serem plantados as *ködheedajä*, *faduudu edhaaködö* e outros.

Deste então fazemos isso como fizeram os antepassados do nosso povo, como ela pediu a seu irmão para fazer a derrubada da sua roça, assim fazemos hoje em dia. Quando nós não somos casadas ainda, nós pedimos ao nosso irmão para fazer a nossa roça e nosso tio também. Ou, quando estamos casadas, nós pedimos para que nossos maridos para façam nossa roça. Essa parte da derrubada da roça é o trabalho dos homens, até a queimada. Depois da queimada, os homens deixam o cuidado com a roça para suas mulheres, até colheita, é a tarefa feminina do povo Ye'kwana.

Assim *Fakkwawa* começou o plantio da sua roça, ela fez sem canto nenhum, somente plantação. Ela tinha uma filha *aji'choto* chamada *Maashinhaadu*.

---

<sup>35</sup> Assoprar com *awaana* para proteger de *odo'sha*.

Ela dividiu a roça com sua filha *aji'choto* para plantar do outro lado do igarapé, como havia mencionado acima, havia um igarapé no meio da roça. Então *Fakkwawa* pediu à sua filha *Maashinhaadu* para fazer plantio. A mãe começou seu plantio, plantou apenas as raízes que tinha guardado e não entregou à sua filha para ela plantar, nem ensinou como é para fazer o plantio da roça, ela começou a plantar antes de sua filha. Então a mãe começou brigar com sua filha, ela dizia para a filha que ela deveria fazer rápido o plantio, que ela não estava fazendo, que ela estava ficando preguiçosa, que não sabia fazer o plantio de sua roça e que só queria saber de namorar os rapazes, que ela não estava fazendo *äänema'da*<sup>36</sup>. Enquanto sua mãe falava ela ficou calada, não falou nada e nem respondeu sua mãe. A filha ficou triste, porque sua mãe brigava com ela. Então sua tia *Yakkwanaadi* ficou sabendo o que estava acontecendo com sua mãe. A tia chegou perto dela e perguntou: o que sua mãe está fazendo contigo, não está te ensinando, só brigando, ela não está entregando *ädeeja* para você. Você é minha sobrinha, vou te ensinar, vamos para o céu. Tenho *ädeeja* guardado lá no céu. Vamos buscar para você.

Então elas foram buscar *ädeeja* no céu e chegaram lá. E trouxeram, enquanto estavam vindo com *ädeeja*, elas molhavam para ressuscitar *ädeeja*, e fizeram *yaichuumadö* (canto), para ele chegar saudável aqui na terra. E também elas fizeram *yaichuumadö* para dar *ede'tädö*<sup>37</sup> *ködheedajä* (maniva), para multiplicar as manivas.

Quando chegaram na roça, elas continuavam o *yaichuumadö* (canto), para dar tudo certo na plantação. Também elas assopraram as árvores que ficam na roça depois da queimada, quando elas assopraram, as árvores viraram gente, gente para ajudar na plantação da roça. Assim elas terminam bem rápido a plantação, no mesmo dia. Depois que terminaram, as árvores voltaram novamente ao seu lugar. Foi assim que *Maassshinhadu* terminou seu plantio da roça com ajuda da sua tia.

Então *Maassshinhadu* cantou, respondendo a sua mãe, dizendo que ela que não era capaz de plantar, porque não tinha terminado ainda a plantação da sua roça, era ela que queria namorar os rapazes e não *Maassshinhadu*, porque ela fez tudo certo com *aichudi* (canto). Foi assim que ela cantou para sua mãe ouvir.

---

<sup>36</sup> “Você não está seguindo as regras”, é o que dizemos a alguém que não está se comportando adequadamente.

<sup>37</sup> Essa palavra é muito forte na língua Ye'kwana, o canto que sábios fazem para multiplicar os alimentos. Se tiver pouca comida e muita gente, a sábia canta para que a comida dê para todo mundo ou até que sobre para outras pessoas também.

Por sua vez, a roça da mãe não deu certo, não nasceram os pés, porque ela plantou apenas as raízes de mandioca, também não fez *aichudi*, e o mato cresceu muito rápido na roça da mãe.

Na roça da filha deu tudo certo, porque ela fez tudo corretamente, fez *aichudi*, plantou *ködheedajä* (maniva), galho de *madaawaka*, a roça dela foi chamada de *faduuwaka*. A *faduuwaka* era bem bonita, as plantações eram saudáveis, todos os tipos *ködheedajä* (maniva), *faduudu* (banana), *natö* (inhame), *shaaku* (batata doce), *fiyeichä* (cará), *tu'naamo* (abobora), *äinha* (milho), *ashiihadu* (cana), *fomi* (pimenta) *sokwa* (cubiu), *fa'da* e *tukuudi* (cabaça).

Segundo dona Amélia, foi nesse tempo que começou a briga das mães com as filhas, como nós sempre falamos hoje em dia para nossas filhas, em vez de ensinar, nós sempre falamos coisas pesadas para nossas filhas.

*Maashinhaadu* é primeira mulher ancestral, que fez o primeiro plantio da roça com cantos, desde então hoje em dia nós fazemos isso conforme ela fez e passou para nosso povo. Dona Amélia termina a história me dizendo: - essas são as histórias de como surgiu a nossa roça e nossos alimentos, minha irmã!

### 3.1 Queimada e os tipos de cultivares

A queimada da roça é feita depois de três ou quatro meses, depois que estiver seco. Para fazer a queimada não precisa fazer o canto. O dono da roça que vai convidar outra pessoa para ir ajudar na queimada, três a cinco pessoas. Cada família faz a queimada das suas roças. Eles fazem no mesmo dia, porque chove depois da queimada. Essa queimada sempre é feita depois do meio dia, quando o sol fica mais quente. As pessoas que foram fazer queimada esperam até terminar, assim eles sabem se a queimada da roça ficou boa ou ruim. Se ficar bom, é porque queimaram tudo, todas as árvores, e não precisa ficar limpando ou queimando os restos depois. É bom de plantar. Se ficou ruim, é porque as árvores não foram todas queimadas, tem que limpar para poder fazer plantio. Depois da queimada você descansa dois ou três dias, para começar a plantar.

As queimadas que nós fazemos na comunidade são controladas, sempre é feito com cuidado para que as árvores da mata não queimem também. A queimada que fazemos atinge apenas o que já foi derrubado das matas. É assim que trabalhamos na comunidade, nós sabemos fazer o manejo do fogo e assistimos com muito medo e espanto as queimadas descontroladas na Amazônia no ano de 2019, como mostrou a imprensa brasileira.

No dia anterior ao primeiro dia de plantar, a dona da roça convida o cantor, porque ele ou ela tem que ir muito cedo, para cantar antes do plantio. A dona leva tudo o que tem que plantar naquela roça, todas as mudas. O cantor chega antes da dona na roça e, em seguida, chega a dona com as mudas. O cantor avisa para a dona plantar primeiro as mudas tipo *mada*, *natö*, *tämaamö'tä*, *kudaawa* e outros. Por último que vai plantar a maniva, a mais importante para roça. Enquanto o cantor fica cantando, a dona da roça fica plantando as mudas. Assim termina o primeiro plantio com *aichudi* (canto) para pedir para que os plantios fiquem saudáveis.

Alguns dos cultivares que plantamos na roça são *mada komo* (tipos de plantas para proteger a roça), *ködheedajä* (manivas), *faduudu* (banana), *natö* (inhame), *tu'naamo* (abobora), *äinha* (milho), *fiyeichä* (cará), *shaaku* (batata doce), *anaadeke* (abacaxi), *fomi* (pimenta), *ashiichadu* (cana), *kudaawa*, *sokwa* (cubiu), *fa'da* e *tukuudi* (cabaça), *kawai* (tabaco).

Primeiro plantamos depois da queimada: milho, abobora, *fa'da*, cabaça e tabaco, esses tipos podemos plantar sem fazer canto antes de serem plantadas, outras coisas só podemos plantar com *yaichuumadö* (canto).

Depois disso plantamos as *mada*, *fomi* e manivas com *yaichuumadö* (cantos). Esses tipos não podem plantar de qualquer jeito, porque pode dar problema nas plantações ou pode dar até problema na sua saúde. A abertura da primeira plantação foi chamada de *äddwaajä awansukwaadö*, levamos uma muda de cada de tudo que é plantado na roça.

São vários os tipos de manivas que plantamos na roça, que identificamos pelos nomes em ye'kwana, manivas para fazer beiju, manivas para fazer *yadaaki* (caxiri), manivas para farinha e outros que são identificados com nomes Ye'kwana. Segundo dona Amélia, nós perdemos muitos tipos de manivas que usávamos antigamente, que eram tradicionais, hoje usamos muitos tipos de manivas trazidas de outros lugares, por isso que ficamos doentes, por trazer manivas de outros lugares. Não podemos trazer manivas de outros lugares se não vamos adoecer e até morrer por causa disso, para nós a maniva é viva e se vinga da pessoa.

Depois que terminam de plantar as manivas, plantamos *natö* (inhame), esse *natö* não é plantado de qualquer jeito, plantamos ele muito cedo, antes de sol nascer ou à tarde, depois que sol se põe, porque se você plantar com sol o *natö* fica ardendo na boca ao consumir. Também existem vários tipos de *natö* que identificamos com nomes *Ye'kwana*.

Depois de terminar o plantio do *natö* são plantados *fiyeichä*, *shaaku*, *äshichadu* e *sokwa*. Esses tipos plantamos a qualquer hora, dependendo da nossa roça, até terminar, e por último plantamos as mudas de bananas e outros que tiver para plantar. Banana também tem

vários tipos que identificamos com nomes em Ye'kwana. Na tabela abaixo apresento a variedade de cultivos e os tipos que plantamos na roça com os nomes em Ye'kwana.

Tabela 1

| <b>Nomes</b> | <b>Variedades conhecido pelo Ye'kwana</b>  |
|--------------|--|
| Manivas      | <i>“Wedaajumaaka”, ajäädijhä, kuwaashijä, shinhaawijhä, tajaawiiyato, woduukjä, odoomajä, wajuujä, kuwaijhä, ajaadajä, iyeejano, tu'wijä, wa'shadijä, mini'shakööjä, “äinhaajä e takuweeda”.</i> |
| Banana       | <i>Tämaamö'ta, makendente, tajeede'dato, wadiichu, adiidi, wadi ajäädö, faduudune, wasai, kökwö, tokwocho, meekodo, (mansana kudaatana e adaawata<sup>38</sup>).</i>                             |
| Inhame       | <i>Natö, madaawi, (madiicha e tu'da<sup>39</sup>).</i>   |
| Cará         | <i>Tajaade'dato, fiduumato, masuuya e duukadi emuudu.</i>  |
| Batata doce  | <i>Tajaade'dato e seweichato.</i>  |
| Milho        | <i>Makaana einhaadö, wakadawaaja'komo, seweichato e tajaade'dato.</i>  |
| Cana         | <i>Wadaaju e wanä.</i>   |
| Abóbora      | <i>Töjöömöka'komo, tömmennato, mojiimajaato, (tajaade'dato).</i>   |
| Pimenta      | <i>Awaadi, kana enuudu, tämöötojano, awaadi, wadiidimiishi, dimooshi emmöchö.</i>  |
| Abacaxi      | <i>Anaadeke.</i>   |
| Cubiu        | <i>Kadiiye, to'kunhaamo, fadaaja'komo ijhi'jä.</i>   |
| Fa'da        | <i>Tadiichu e fa'dane.</i>   |

A dona da roça fica buscando as manivas na sua roça antiga, para levar na sua roça nova. Ela trabalha com ajuda das suas irmãs ou do seu filho. Assim elas trabalham ajudando uma a outra. Quando a roça for maior, a dona pode convidar as pessoas para ajudar. Primeiro ela pede para seu marido ir caçar, para que os convidados tenham comida depois de ajudar a dona. Como conta dona Amélia, essa caça é para alimentar sua roça, não é quem trabalhou na roça que quer comer a carne de caça. A sua roça que fica ou te deixa à vontade. Enquanto você come, a roça fica satisfeita.

Não devemos ir à roça depois do primeiro dia do plantio, porque você pode escutar alguém falando ou cantando na sua roça, assim você pode se assustar e adoecer gravemente. Como conta dona Amélia “antigamente a dona da roça voltou no dia seguinte do primeiro

<sup>38</sup> *Mansaana, kudaatana e adaawata* são as bananas que emprestamos do Sanumá.

<sup>39</sup> *Madiicha e tu'da* são tipos de inhame que emprestamos do povo Sanumá.

plantio da roça, então ela escutou alguém chorando na sua roça e ela se assustou, adoeceu e acabou falecendo”.

Em todas as ocasiões do início de tarefas relacionadas à roça, como nos primeiros dias de derrubada da floresta para abertura de novas roças, no dia seguinte não podemos voltar ao local, também quando da queimada não podemos ir até lá, o mesmo acontece com o primeiro plantio, a primeira colheita e até o primeiro dia de capinar. Como relata dona Amélia, se voltar no dia seguinte da derrubada da roça, você pode escutar as árvores chorando porque foram derrubadas, as árvores são vivas e choram quando derrubamos. Antigamente um rapaz chamado *De'kashu* voltou porque tinha esquecido alguma coisa lá, e por isso voltou no dia seguinte para buscar. Ele escutou alguém chorando, um som vindo do meio da roça, de repente ele se assustou, ao retornar ele sentia dor no corpo e relatou à sua família o que tinha acontecido. Ele acabou falecendo. Também a mulher chamada *Maanejeedu* voltou no dia seguinte à queimada, ela foi sozinha sem levar *madás e awaana* e não retornou, desapareceu. Na primeira colheita as manivas choram porque foram arrancadas. Tudo que está relacionado à roça para nós são seres vivos. Amélia relatou também o que tinha acontecido com suas filhas recentemente, “minhas filhas lá na comunidade, elas me contaram que escutaram alguém chorando ao voltar na roça, porque a mais nova esqueceu o facão na roça, elas voltaram para buscar. Elas chegaram assustadas e perguntei a elas o que tinha acontecido, aí elas contaram que escutaram alguém chorando na roça. Sorte delas que estavam acompanhadas uma da outra. Se uma delas estivesse sozinha, algo podia acontecer. E cantamos nelas para espantar espíritos que podia fazer mal a elas”.

### **3.2 Cuidado com a roça**

A partir do plantio da roça, a dona da roça se torna sua mãe. A roça considera a dona como mãe. Por isso nós, mulheres Ye'kwana, consideramos nossa roça como filho. A roça é muito especial para nós. Por esse motivo fazemos a limpeza das nossas roças, do contrário elas ficam tristes. Acreditamos que tem algo vivo que fica no meio da roça. Como conta dona Amélia, tem uma pessoa que sempre fica na roça, quando ele ou ela sai para se alimentar, se transforma em cobra, *kawaadatu, ku'shiisi*, “jibóia”. Todas essas coisas - como plantio, limpezas, capinar e colheita – é trabalho das mulheres.

Somente com a derrubada da roça que os homens trabalham, porque ficaria muito pesado para as mulheres trabalharem, o homem que fez a roça para sua mulher ou para sua

irmã, ele se torna o pai da roça. A partir do homem que foi escolher o local da derrubada, a roça já o considera como pai. Isso é seguido também através dos conhecimentos tradicionais, a tarefa masculina da roça.

Quando estamos menstruadas, nós mulheres Ye'kwana não podemos ir à roça, porque ela pode adoecer. Segundo Morim, para os Krahô a batata-doce também adoecer se entra em contato com mulheres menstruadas, cujo sangue é considerado perigoso: suas folhas ficam amareladas, suas cabeças apodrecem e não crescem, assim como ocorre com as crianças e os rapazes (Morim, 2017: 462). Por isso temos muito cuidado com nossas roças, porque nós mesmos podemos adoecer nossas roças ou que está dentro dela.



**Imagem17: A moça limpando sua Roça.** Foto da autora (2019)



**Imagem 18: criança mais velha cuidando do seu irmão mais novo, enquanto sua mãe limpa a roça.** Foto da autora (2019)



**Imagem 19: A moça limpando sua roça.**

Foto da autora (2019)



**Imagem 20: Plantação do inhame,  
plantamos inhame junto com  
outros cultivares. Foto da autora (2019)**



**Imagem 21: Plantação da roça, plantamos tudo junto: mandioca, banana, como mostra imagem. Foto da autora (2019)**



**Imagem 22: Banana sendo colhido, para ser carregada por um menino de 5 anos. Foto da autora (2019)**

### 3.3 Colheita

Depois de um ano ou mais da primeira plantação, é feita a primeira colheita da roça, que é de mandioca. Nessa primeira colheita, é realizado um ritual que envolve a comunidade e a caçada. Enquanto as mulheres vão para roça fazer colheita de mandioca, os homens e crianças vão para caçada e pescaria com *ayaadi*, *damai* (timbó). Essa colheita ritual é feita de acordo como fez *Shiwwanaatödiyyö*.

Como conta Amélia, *Shiwwanaatödiyyö* foi para céu buscar o timbó. Ele tinha forma humana, uma pessoa verde. Ele colocava o dedo no rio e os peixes começavam a morrer. Na pescaria nos igarapés, ele colocava apenas um dedo pequeno dentro do igarapé, quando era pescaria no rio maior ele lavava a mão dentro do rio, o veneno era forte, os peixes morriam. Por causa do seu veneno, ele não entrava no rio. Ele atravessava o rio só nas cabeceiras, para não cair no rio. Por causa disso os peixes decidiram matá-lo, por vingança, porque com o veneno dele os peixes morriam. Os peixes ficavam esperando por ele para matar, mas não conseguiam, pois ele atravessava o rio só nas nascentes. Os peixes convidaram um peixe pequeno que fica nas nascentes dos igarapés para matar o homem-timbó. Ele deu uma flechada enquanto ele estava atravessando a nascente. E assim que ele foi atingido, ele falou para os peixes: - agora que vocês vão morrer mesmo, porque meus ossos vão virar *ayaadi*, meu cabelo vai virar *damai*.

Foi *Maashinhaadu* que pediu a seu tio *Shiwwnatödiyyö* para fazer caçada, para fazer a primeira colheita, depois que a sua roça já ficou pronta para colher. Ela fez com *yaichuumadö* a primeira colheita. Foi ela quem *könhachuumai* (cantou), porque ela sabia cantar. Depois que ela fez a primeira colheita da sua roça, ela foi embora para o céu de vez. O seu tio também foi embora para o céu, onde eles permanecem até agora lá em cima, olhando o povo Ye'kwana.

*Maashinhaadu* deixou *ädeaja* para povo e não levou mais para o céu. Dessa vez *Maashinhaadu* deixou *ädeaja* para povo Ye'kwana. Então fazemos hoje em dia como foi feita com a primeira derrubada, a queimada, a primeira plantação e até primeira colheita com *aichudi* (canto), conforme eles fizeram.

A roça de *Maashinhaadu*, chamada *Faduuwaka*, existe até hoje como roça, que fica na Venezuela. Como dona Amélia conta, antigamente as pessoas iam buscar mandioca e banana lá, fazendo canto. Se não fizesse canto, começavam os trovões e chuva forte com vento. Não é qualquer pessoa que ia lá colher. Apenas os sábios que iam colher fazendo *aichudi*. Hoje em dia não temos pessoas capazes de ir lá colher.

Depois que sua roça fica pronta para colher mandioca, a dona da roça convida uma senhora ou senhor *yaichuumanei* (para cantar) na primeira colheita. Depois disso, ela convida as mulheres para ir à roça *äämi'che* (buscar mandioca) no dia seguinte.

No primeiro dia em que fazemos a colheita, de manhã bem cedo, uma cantora vai para cantar e pedir permissão para dono da *ködheede* (mandioca) antes das mulheres. Ela fica cantando lá até arrancar *ködheede*. Depois que arranca é que ela pede para todas as mulheres que foram na roça de colheita de *ködheede* para tirar as mandiocas. Primeiro ela coloca uma *ködheede* no cesto de cada uma das mulheres. A cantora fica esperando as mulheres, arrancando e descascando *ködheede*. Para que ela volte junto com elas, a cantora vai à frente cantando, e as mulheres atrás dela, com muito peso nas costas e elas aguentam até chegar na comunidade. Quando elas chegam à comunidade, os homens que foram caçar já estão chegando também com sua caça, embrulhada em uma folha. Os homens vão à casa das mulheres para derramar no chão *ködheede* que está no cesto, e as mulheres não deixam derramar o *ködheede*, as mulheres *washe''jä enwejiinhadö* (tomam a caça que homem está carregando à força), depois que as mulheres tomam a caça dele, o homem não pode mais derramar *ködheede*. Assim, a primeira colheita termina com as brincadeiras entre as mulheres e os caçadores.

A cantora fica cantando para ralar mandioca, até espremer a massa no tipiti. Depois que terminar de espremer a massa, a cantora faz beiju e continua cantando até o beiju ficar pronto. Quando fica pronto, ela entrega para a dona da roça na qual foi feita a colheita do *ködheede*. Ela que entrega beiju para o mais sábio que canta. O sábio leva beiju na *ättä*, para os sábios acompanharem ele durante seu canto no beiju. Esse canto é para pedir permissão para dono que fica no céu, e para que as pessoas da comunidade comam para ficarem saudáveis. Os sábios cantam durante a noite até terminar de pedir permissão. Enquanto isso, as mulheres que foram para colheita ficam preparando *kushi*<sup>40</sup> que as pessoas tomam durante madrugada. No dia seguinte da colheita e de madrugada, a dona da roça, que vai pedir a seu marido para *kä'tönnä* (chamar as pessoas para comer). Os rapazes se levantam para ir à *ättä* e comer caça, beiju e *kushi*.

Antes de comer do que foi colhido na primeira colheita, a dona da roça entrega o beiju que foi cantado para os rapazes que estão presentes, ela entrega só um pedacinho para os homens. Depois ela entrega um pedaço maior para mulheres que estão presentes, para que

---

<sup>40</sup> Bebida levemente fermentada de mandioca, doce e com baixo teor alcoólico, ao contrário do Yadaaki, que é forte e de sabor azedo, pois é de fermentação mais demorada.

elas levem para sua casa e assim poderem dividir para todo mundo da família. Assim o povo Ye'kwana faz a primeira colheita da roça.

Antes da colheita da mandioca, tem as plantas que ficam prontas para colher como *äinha* (milho), colheita de *äinha* é feita primeiro, porque fica pronto mais cedo, antes de consumir é feito *yaichuumadö* (canto). Depois de *äinha*, vem *tu'naamo* (abóbora), também é feito *yaichuumadö* (canto), depois de *tu'naamo* vem *faduudu* (banana), *fomi* (pimenta), *natö* (inhame), *fiyeichä* (cará), *shaaku* (batata doce) e *sokwa* (cubiu), que ficam maduros na mesma época. Por isso que é feita a colheita ao mesmo tempo também com *aichudi* (canto). Somente a dona da roça colhe estes alimentos.

Com a colheita da mandioca, que envolve comunidade, é que a dona da roça tem que convidar *yaichuumanei* (para cantar), com a participação de mais mulheres. Segundo Dona Amélia, depois da primeira colheita da mandioca não precisa mais *yaichuumadö* (canto), porque na colheita de mandioca foram pedidas todas as autorizações para os donos ou seus espíritos da roça.



**Imagem 23: Moça descascando mandioca**  
**Foto da autora (2019).**



**Imagem 24: Levando a mandioca descascada para casa. Foto da autora (2019)**



**Colhendo mandioca**  
**Foto da autora (2019).**

### 3.4 No preparo do alimento

As mulheres são encarregadas de preparar alimentos de sua família. Elas que vão para roça colher banana, inhame, mandioca, tudo que é plantado na roça. Em casa elas preparam as comidas, principalmente o beiju. Todo dia de manhã a moça se levanta para fazer beiju. O beiju é considerado o alimento mais importante que é consumido no dia-a-dia. Os outros alimentos que tem na roça também são importantes, mas sua preparação é feita somente quando tem em casa. Esses outros alimentos que plantamos na nossa roça tem suas épocas, diferente do *ködheede*, que consideramos mais importante e que comemos todos os dias.

Somente quando está menstruada a mulher não prepara os alimentos em casa, até acabar sua menstruação. Isso porque o preparo feito pela mulher menstruada pode fazer mal às pessoas ou até ao cachorro de estimação. No homem pode dar preguiça ou falta de vontade de trabalhar e de caçar. E o cachorro pode ficar sem vontade de caçar ou pode se tornar preguiçoso.

Para não faltar o *ködheede*, tem que pedir para abrir sua roça nova todos os anos. Quando colhemos o *ködheede*, replantamos para usar depois. As mulheres têm costume de fazer esse replantio duas ou mais vezes, ou até a mandioca ficar fraquinha de tanto ficar no mesmo lugar. Por isso que tem que fazer roça nova para mudar as mudas, para que cresçam saudáveis de novo.



**Imagem 25: Retirando a massa prensada do tipiti. Foto da autora (2019).**



**Imagem 26: Preparando beiju Foto da autora (2019)**



**Imagem 27: Mandioca descascada sendo lavada. Foto da autora (2019)**

### 3.5 Os alimentos do dia-a-dia

Hoje dia as mulheres têm trabalhado muito na roça. Vejo que todos os dias as mulheres vão para roça, porque dependemos da roça para alimentação na comunidade ye'kwana.

Quando vamos *äämi'che*<sup>41</sup> (buscar mandioca), nós vamos acompanhadas das nossas irmãs e filhas a partir de 4 anos, porque com 4 anos a criança começa carregar alguma coisa, tanto a menina quanto o menino com seus cestos, o *wöwa* (cesto) é o das meninas e o do menino é o *tudi* (jamanxim). Os primeiros cestos são menores e vão crescendo junto com a criança, porque quando as crianças forem crescendo, os pais vão fazendo cestos maiores. Assim eles vão ajudando as suas mães. Geralmente os meninos deixam de ajudar as suas mães quando já viraram rapazes. As mães ficam apenas com suas filhas na roça, até mesmo depois que ela se casar, continua ajudando suas mães na roça.

Quando vai colher mandioca a mulher sempre vai mais cedo para roça, porque tem que voltar ao meio dia ou depois, dependendo de seu trabalho na roça. Quando chega lá roça, elas começam a cortar os galhos de manivas e juntar no mesmo local ou até jogar no mato e as manivas boas são sempre guardadas para depois replantar. Depois ela irá capinar se tiver *chuu* (capim), somente depois de fazer tudo isso ela arranca as mandiocas e as crianças começam a descascar as mandiocas. Depois que terminar de arrancar, ela replanta as manivas no local onde estavam as mandiocas. Quando terminar, ela vai ajudar as crianças a descascar as mandiocas, colocando no cesto para carregar até a casa e então elas voltam para casa com muito peso nas costas, o caminho é longo, algumas vezes param para descansar na *wäädetta* (local feito de madeira para descansar). Quando pegamos as *ködheede* levamos tudo, até as pequenas, que não podemos deixar para trás, se deixar ela fica chorando e dizendo que “essa mandioca que [a mulher] está levando não vai dar muito tempo, vai acabar logo”, ela sobe em cima de uma árvore e fica falando. Para as mulheres krahô, também não se pode levar apenas as cabeças de batata-doce grandes, abandonando as pequenas na roça, pois estas sofrem com a exposição ao sol (Morim, 2017: 462).

Quando chega à casa, almoça e depois vai para o igarapé, para apanhar água no balde, para lavar as mandiocas, porque não podemos lavar as mandiocas no rio ou igarapé, porque sua roça começa *töya'du'ta* (a estragar), as mandiocas podem se vingar de você ou alguém de

---

<sup>41</sup> A palavra em Ye'kwana, forma de dizer que foi colher as mandiocas.

sua família. Se por acaso você perder mandioca no rio, ou a massa ralada cair no rio, é muito perigoso, porque consideramos a mandioca viva, ela tem dono que fica olhando lá do céu.

Recentemente o tio perdeu *tönö'nä* (massa da mandioca ralada e prensada) no rio quando estava levando para caçada, sem querer o *tönö'nä* caiu no rio, a pessoa que perdeu procurou muito e não achou. Só que ele não avisou quando chegou à comunidade o que havia acontecido. Só mais tarde o tuxaua da comunidade ficou sabendo, então ele decidiu fazer o ritual para tentar trazer o *äkaato* (duplo) de *ädeejä*, eles fizeram o ritual só que não adiantou e a mandioca acabou se vigando do seu sobrinho, seu sobrinho acabou falecendo de repente. Por isso que não podemos brincar com *ädeejä*, porque para nós povo Ye'kwana acontece de verdade.

Depois de lavar as mandiocas, é preciso ralar no motor. Antigamente usávamos *taddwade*<sup>42</sup> (ralo) para ralar. Depois que terminar de ralar, a massa é colocado no *tönköi* (tipiti), para espremer *ködheede'nä* (a massa ralada, antes de prensar no tipiti) de mandioca. Quando a massa está no *tönköi* nós ficamos espremendo a massa até descer o tucupi<sup>43</sup> completamente. Depois que termina de descer o tucupi, nós tiramos do *tönköi* a *tönö'nä* (massa já espremida) e guardamos para depois consumir até acabar.

Essas *tönö'nä* duram uma semana, sem estragar, depois de uma semana já estraga. Com *tönö'nä* nós preparamos o beiju e usamos também no preparo do mingau de banana. Por volta de 5h00h da manhã a mulher se levanta para fazer beiju todos os dias. Quando levanta, ela leva muita lenha até a *maataka* (casa de forno), *fötaadi jho'dodö* (acender forno), depois de fazer isso leva *tönö'na*, *waja* (espécie de prato redondo, feito de fibra de arumã, usado para servir alimentos) e *manaade* (peneira) para preparar a massa para preparar beiju. Ela coloca primeiro *tönö'nä* na *waja* e *manaade aka* (dentro da peneira), para fazer *tönö'nä nhomjodö* (peneirar a massa de mandioca). Assim a moça vai fazendo o beiju dependendo da família, a quantidade que ela vai fazendo para durar o dia inteiro.

Quando desejamos que o beiju dure muito tempo depois de pronto, colocamos para secar no telhado da casa, esse é o que levamos para caçada e nas viagens. Hoje em dia fazemos muito isso, levamos até para cidade, esse beiju seco dura mais de um mês sem estragar. Hoje em dia as comunidades têm feito isso para mandar para cidade, para seus

---

<sup>42</sup> Ralo feito com madeira e ferro cortados pequenos, o ralo é feito durante resguardo da primeira menstruação da moça. Antigamente usávamos esse ralo para ralar mandioca. Hoje em dia usamos motor para ralar, mas continuamos a fabricar o ralo, especialmente durante resguardo da moça. No cotidiano, às vezes mistura-se um pouco da massa ralada no motor e um pouco da massa ralada no ralo.

<sup>43</sup> Sumo líquido e venenoso, muito utilizado na culinária regional. Após fervido, quando o ácido evapora, o tucupi torna-se adequado para ser consumido. Nós Ye'kwana usamos no preparo de um tipo de molho de pimenta chamado *kösaakidi*.

familiares que estão na lá, ou jovens que vão para estudar e também fazemos farinha e levamos para cidade, que duram mais tempo sem estragar, porque quando estamos na cidade não comemos muito arroz, feijão e outras coisas, apenas compramos carne, peixe e frango para substituir a caça na comunidade. Somente quando não tem mais beiju que foi mandado pela família que comemos arroz. Isso não quer dizer que apenas mandamos para cidade para comer, também comemos na nossa comunidade o beiju secado ao sol e farinha também.

Quando tem banana na sua roça a mulher vai buscar a banana, às vezes ela vai acompanhada de seu marido. Quanto tem muita banana madura a mulher prepara mingau de banana, depois que terminar de fazer beiju para a refeição da manhã<sup>44</sup>, ou outra moça que prepara, se tiver mais uma moça na família. Quando prepara ela coloca panela com água no fogo, enquanto estiver fervendo ela vai colocando as bananas maduras dentro da panela. Quando fazemos mingau de banana, fazemos com o mesmo tipo de banana, não se mistura dois tipos de banana no mesmo mingau. Quando fica quase pronta mexemos com *amoodotoojo* (galho de árvore preparado para mexer o mingau), e colocamos *tonö'nä* (massa de mandioca ralada), *ainhamo* (goma) e beiju molhado dentro do mingau, para não ficar muito doce. Esse mingau de banana fazemos de manhã cedo para o café da manhã. Também assamos banana quando está madura, com casca, quando está verde assamos sem casca. Assim consumimos as bananas.

Também preparamos outros tipos de mingau que plantamos na nossa roça, por exemplo o mingau de cará, também consumido assado ou cozido, sempre com casca. Consumimos também inhame em forma de mingau, assado e cozido com casca. Também fazemos mingau de batata-doce, ou consumimos assada e cozida com casca. Abóbora fazemos somente mingau. Preparamos milho cozido, assado com casca e assado sem casca.

---

<sup>44</sup> São três refeições diárias: uma no começo da manhã, por volta de 06:00 horas, o almoço ao meio-dia e o jantar, por volta de 18:00 horas.



**Imagem 28: Abacaxi**  
Foto da autora (2019).



**Imagem 29: *fa'da***  
Foto da autora (2019).



**Imagem 30: banana-nanica**  
Foto da autora (2019).



**Imagem 31: pupunhas cozidas**  
Foto da autora (2019).



**Imagem 32: semente de *fa'da***  
Foto da autora (2019).



**Imagem 33: *Kasaakidi***  
(pimenta com tucupi)  
Foto da autora (2019).



**Imagem 34: *famä*** (pimenta em pó,  
conhecida regionalmente como jiquitaia)  
Foto da autora (2019).



**Imagem 35: beiju torrado ao sol.**  
Foto da autora (2019).



**Imagem 36: a massa de mandioca**  
guardada para durar uma semana.  
Foto da autora (2019).



**Imagem 37: As mulheres preparando a comida dos homens que trabalharam na construção da casa.**

**Foto da autora (2021).**



**Imagem 38: Mulheres servindo chibé ou *yadaaki* (caxiri) aos homens na construção da casa. Foto da autora (2021).**

### 3.6 Preparo do dia-a-dia de alimentos cultivados na roça

Tabela 2

| Nome em Ye'kwana | Nome de cultivado | Preparo para consumo   |
|------------------|-------------------|--|
| Faduudu          | Banana            | Mingau, cozido com casca, assado com casca e assado sem casca.   |
| natö             | Inhame            | Mingau, cozido com casca, assado com casca.  |
| fīyeichā         | Cará              | Mingau, cozido com casca, assado com casca.  |
| shaaku           | Batata doce       | Mingau, cozido com casca, assado com casca.  |
| äinha            | Milho             | Mingau, cozido, assado com casca e assado sem casca.   |
| tu'naamo         | Abóbora           | Mingau.  |
| fomi             | Pimenta           | Amassada, que chamamos de <i>waduuwe</i> , torrada depois amassada que chamamos de <i>famä</i> , feito com tucupi <i>kösaakidi</i> . |
| anaadeke         | Abacaxi           | Suco ou comida cru.  |
| äshiiichadu      | Cana              | Suco ou chupada.   |
| Fa'da            |                   | Cozido e torrado.  |
| sokwa            | Cubiu             | Cozido, assado e moqueado.   |

A caça é preparada pelas mulheres cozida, moqueada ou assada embrulhada em folhas, como apresento na tabela abaixo.

Preparo de caça no dia-a-dia.

Tabela 3

| Nome em Ye'kwana | Nome da caça           | O prepara  |
|------------------|------------------------|--|
| Wa'shadi         | Anta                   | Cozido com pimenta sem sal, moqueado, moqueado com folhas. |
| Kawaadi          | Veado                  | Cozido com pimenta sem sal, moqueado, moqueado com folhas. |
| Duukwadi         | Porco do mato          | Cozido com pimenta e sal e moqueado.                       |
| Odooma           | Paca                   | Cozido com pimenta e sal e moqueado                        |
| Fakiiya          | Caititu                | Cozido com pimenta e sal e moqueado                        |
| anejakooma maja  | E outros tipos de caça | Fazemos as mesmas coisas.                                  |

Cozinhamos anta sem sal, porque é costume Ye'kwana não comer a anta com sal. Dizem que se você comer com sal, quando corre se cansa rápido e mulher quando está

parindo se cansa muito e quando suar, não vai ter força para empurrar o bebê na hora de parir, porque a anta não corre muito, ela se cansa rápido, se comer com sal pode acontecer com você. Também não tomamos o caldo nem molhamos o beiju nele, como fazemos com outras caças cozidas, porque pode causar cansaço durante a caçada.

Aves que comemos no preparo

Tabela 4

| Nome em Ye'kwana | Nome da caça             | Preparo                                |
|------------------|--------------------------|--|
| Fawi             | Mutum                    | Cozido com pimenta e moqueado.         |
| Yaimaadi         | Mutum-do-rabo-marrom     | Cozido com pimenta e moqueado.         |
| Kuyuuwi          | Cujubim                  | Cozido com pimenta e moqueado.         |
| Wokiiya          | Jacu                     | Cozido com pimenta e moqueado.         |
| Ka'kwa           | Papagaio                 | Cozido com pimenta e moqueado.         |
| Shajooko         | Tucano                   | Cozido com pimenta e moqueado.         |
| Fä'na            | Nambu                    | Cozido com pimenta sem sal e moqueado. |
| Anejakoomo maja  | E outro de tipos de aves | Fazemos as mesmas coisas.              |

Cozinhamos nambu sem sal, porque é costume Ye'kwana não comer a nambu com sal. Dizem que se você comer com sal, quando corre se cansa rápido e a mulher quando está parindo se cansa muito e quando suar não vai ter força para empurrar o bebê no parto, da mesma maneira que pode acontecer com a carne de anta. Nambu não consegue voar muito alto e se cansa rápido, por causa disso, pode acontecer com a pessoa.

Hoje em dia há escassez de caça em nossa região<sup>45</sup>, preparamos quando tem a caça conforme como mostram as tabelas acima.

Com minha estadia na comunidade como pesquisadora, pude observar com mais atenção as atividades das mulheres na sua roça, a respeito do tema da minha pesquisa. Para colheita da *ködheede* cada família trabalhava de acordo com a necessidade de sua família. Quem tem família pequena ia à roça *oomi'che* (colher mandioca) uma vez por semana. A família que tinha mais pessoas na casa, as mulheres iam à roça *oomi'che* três vezes por semana, porque acabava mais rápido.

<sup>45</sup> Devido ao aumento da população em Auaris nas últimas décadas, temos enfrentado escassez de caça na região. A população Sanumá tem crescido muito e hoje são cerca de 3.000 Sanumá em Auaris.



Imagem 39: Cogumelos  
Foto da autora (2019)



Imagem 40: *Kudu* sendo limpo.  
Foto da autora (2019)

### 3.7 Os cultivos que podem ser remédio

Nessa pesquisa fiz uma pergunta para dona Amélia: as plantas que plantamos na roça podem ser remédio? Então ela contou que sim, só que hoje em dia é desconhecido pelo povo e principalmente pelos jovens. Na tabela abaixo apresento algumas informações.

**Tabela 5**

| Nomes                                | Cura  | Preparo  |
|--------------------------------------|---|--|
| Abacaxi<br>(anaadeke)                | Antídoto contra a ingestão de veneno de mandioca e de timbó | Amassa o miolo das folhas, torce e toma seu caldo.                                     |
| Cana<br>(ashiichadu)                 | Efeito de remédio forte.                                    | Toma caldo.  |
| Banana<br>(faduudu)                  | Antídoto contra a ingestão de veneno do timbó.              | Come amassada.   |
| Batata doce<br>(shaaku)              | Bolinha nos corpos.   | Rala e passa no corpo todo.  |
| Cará<br>(fiyeichä)                   | Para parto sem complicações.                                | Toma seu caldo.  |
| Tabaco<br>(kawai)                    | Para parto sem complicações.<br>Dor de garganta.            | Passar a folha morna na sua barriga.<br>Amassar as folhas até sair seu líquido e toma. |
| <i>Kudaawa</i><br>(tipo de bromélia) | Antídoto contra a ingestão de veneno de mandioca e de timbó | Amassa o miolo das folhas torce e toma seu caldo.                                      |
| <i>Fa'da</i>                         | Para parto sem complicações.                                | Passa na barriga.  |
| Tipo de gengibre<br>(wananha)        | Gripe, dor de corpo e outros.                               | Toma-se o chá ou rala e com seu caldo passa nos olhos.                                 |
| Pimenta<br>(fomi).                   | Sem vontade de comer.<br>Encantos malignos de odo'sha.      | Amassa e passa na boca.<br>Passa seu caldo nos olhos.                                  |

### 3.8 Reuniões em *Fuduwaaduinha* e a proibição de registro dos cantos

No dia 06 de julho de 2019, retornei para o estado de Roraima, depois de finalizar minhas atividades discentes. Para concluir os dias letivos do Programa de Pós-Graduação, resolvi permanecer até 12 de julho em Boa Vista. No próprio dia 12 viajei para comunidade Fuduwaaduinha junto com pessoal que iria participar de uma oficina que iria ocorrer entre os dias 12 de julho e 10 de agosto de 2019. Na oficina seriam discutidos quatro projetos, um financiado pela Embaixada da Noruega sobre território Ye'kwana (*Kuyujaani*), outro sobre Plantas Medicinas e sobre registros de remédios caseiros Ye'kwana, um projeto financiado pelo Museu do Índio sobre cantos (*Yaichamatooyo*) e a Exposição Mundos Indígenas da UFMG (*Ye'kwana weichö*).

Na oficina, que durou um mês, participaram os Ye'kwana da Venezuela, que trouxeram seus interesses. Eu fiquei responsável pela exposição da UFMG, para falar sobre as ideias de como queríamos, o que queríamos mostrar. Isso tudo foi discutido em um só dia. Posteriormente perguntei, na comunidade, quem iriam escolher para fazer *wöwa*, *waja* e outras coisas que seriam mostradas na exposição. Além disso, ajudei com a transcrição das gravações das falas dos *inchonkomos*, e também fiquei como tradutora para os não-indígenas que estavam participando e que queriam fazer relatórios da fala das pessoas.

Nessa oficina foram feitos registros escritos pelas pessoas que estavam participando do canto da pimenta (*fomi yaichumatooyo*). Do canto da pimenta foram registrados todos os tipos de ocasiões de resguardo: resguardo da moça, resguardo com filho pequeno, porque deixamos de comer nessas ocasiões de resguardo, tem que passar pelo canto antes de consumir novamente os alimentos. E nas crianças também usamos como remédio, é para ser usado como remédio nas pessoas (para espantar o espírito maligno e para a pessoa não ficar com preguiça).

Também foi falado sobre os cantos das mulheres na festa da derrubada da roça (*toki edeemi'jhödö*). A festa da derrubada da roça e seu canto são muito sagrados para o povo ye'kwana e, por isso, não podemos registrar festas nesses tempos. Também não podemos filmar e nem gravar o canto. Os sábios dizem que as máquinas fotográficas foram feitas por *Odo'sha*, também outros tipos de máquina como celular, gravador e radiofonia. Como dona

Amélia conta, *Wanaadi*<sup>46</sup> e *Kaju*<sup>47</sup> eram irmãos e moravam juntos na casa da mãe do *Wanaadi*. Então *Wanaadi* conversava bem cedo com seu cunhado *Wanaatu*, *Wanaadi* perguntava sempre seu cunhado, como é nosso costume, como sonhou? Então seu irmão *Kaju* respondia logo, antes de *Wanaatu* responder, e respondia mal. Então *Wanaadi* ficou com raiva do seu irmão e decidiu fazer uma montanha entre eles, para que o *Kaju* não pudesse mais ouvir sua conversa com seu cunhado. Como *Kaju* não deixava *Wanaadi* em paz, ele decidiu fazer um fio invisível para que possa escutar a conversa do *Wanaadi* e seu cunhado e continuava escutando e ainda respondia, mesmo estando longe deles. O que acreditamos hoje em dia é que o fio invisível que ele fez é que funciona como radiofonia, telefone e celulares e outros. Por isso, gravar e filmar não são bons para os sábios, quando está fazendo *aichudi*, eles dizem que enfraquece sua sabedoria, inteligência e enfraquece suas memórias, porque máquina suga sua memória ou sabedoria. Por isso eles não deixam gravar quando estão fazendo *aichudi*. Também não pode gravar sem pedir autorização do sábio. Para poder tirar foto e gravar sua conversa tem que pedir primeiro, para que o sábio possa autorizar. Assim o sábio se protege dos *Odo 'sha*, através do *aichudi*.

As gravações foram assunto muito discutido durante a oficina. Por isso, enquanto o sábio contava as histórias do canto, foi permitido gravar a voz, mas filmar não foi autorizado. Isso ocorre porque acreditamos que tem algo vivo olhando no presente quando falamos o seu nome. As mulheres falaram que *ādeēja* estava presente na *ättä*, porque ali jogamos *yadaaki* (caxiri), que é muito sagrado para nosso povo Ye'kwana<sup>48</sup>. Então foi permitido gravar apenas a voz. Entretanto, não foi permitido que essa gravação circulasse em outras comunidades, apenas sendo permitida nas comunidades Ye'kwana do lado do Brasil. Assim, a oficina continuou com a presença das mulheres interessadas no canto.

Em seguida, seu Vicente falou sobre *Ādeēja*: que não podemos levar sua história (de *Ādeēja*) para fora do estado, por isso, a gravação não iria para o Museu do Índio no Rio de Janeiro, porque o dono se zangaria e se vingaria com uma pessoa ou até das nossas roças.

---

<sup>46</sup> Um ser que criou tudo que existe aqui na terra. Ele tinha vários nomes, mas era mais conhecido como *Wanaadi/Wanassedume*.

<sup>47</sup> Irmão de *Wanaadi*, nascido do umbigo podre de *Wanaadi*, ele se tornou um ser mau, que seguia o passo do seu irmão *Wanaadi*, que fazia as coisas boas. Seu irmão *Kaju* estragava tudo que ele fazia de bom. *Kaju* é mais conhecido como *Kajuushawa*.

<sup>48</sup> É na *ättä* que são realizadas as festas onde o *yadaaki* é consumido coletivamente. Durante a festa, que pode durar de algumas horas a dois ou três dias, os participantes bebem grande quantidade de *yadaaki*. Muitas vezes é preciso vomitar para esvaziar o estômago e dar lugar a uma nova cuia cheia de *yadaaki* – não se pode recusar uma cuia de caxiri que lhe é oferecida, se a pessoa está com a barriga cheia, ela vomita antes de beber. É a este *yadaaki* derramado no chão da *ättä* durante as festas que as mulheres se referem nesta fala. O *yadaaki*, fermentado da mandioca, faz com que *ādeēja* esteja presente no chão da casa comunal.

Ouvindo isso fiquei muito preocupada, porque a minha dissertação fala sobre *Ädeejä*. Então fui falar que eu queria ouvir essa história, porque minha dissertação no mestrado fala sobre essa questão, mesmo que eu não tenha muito conhecimento sobre o assunto. Com essas falas nós aprendemos agora a importância de *Wätunna* da nossa cultura.

Depois que a oficina acabou, fui atrás do seu Vicente para poder perguntar mais sobre o assunto, porque já tinha iniciado minha escrita a respeito do tema. Então perguntei o que ele achava da minha pesquisa e disse que eu havia começado a escrever sobre o assunto da *ädeejä*. Ele demorou a me responder, ficou pensando. Eu fiquei mais preocupada ainda, pois não poderia mais mudar assunto em decorrência da falta de tempo para mudar o projeto e escrever. Ele então começou a falar. Para escrever sobre os cuidados da roça é muito importante sim, escrever suas histórias e as coisas importantes, mas para falar do canto, é muito sagrado, porque você está levando nossa *Ädeejä* para outro lugar, isso não é bom para nossa vida. Você não pode ficar escrevendo sobre as histórias do canto de *ädeejä*, porque ele é vivo, ele vive no céu, ele fica escutando lá do céu, quando você faz coisa errada, ele se zanga e pode se vingar do nosso povo Ye'kwana mesmo. Por isso os cantos não devem sair da comunidade, nem podemos cantar fora dela. Você pode escrever as coisas importantes, não aquelas que podem prejudicar o nosso povo. Essas foram as palavras do sábio Vicente. Por esta razão, não incluírei nesta dissertação a análise dos cantos.

Depois do encerramento da oficina, os convidados retornaram para suas comunidades de origem. Eu fiquei mais 15 dias na comunidade. Nesses quinze dias fiquei trabalhando na roça *chuu nhaadö* (capinar e limpar).

#### 4 Regras e Restrições Alimentares

Quando terminamos a plantação da roça, nós deixamos de comer algumas caças, como veado e os tipos de peixes pequenos e também os tipos de rã que chamamos de nossa língua *kudaadai, komjakä*. Segundo dona Amélia, “não podemos cortar nosso cabelo depois que termina sua plantação da roça, porque as manivas que foram plantadas não vão crescer muito e as raízes podem ficar pequenas. Porque a roça para nós é como se fosse nosso filho de sangue, e o que fazemos e comemos pode afetar seu crescimento. Pode consumir esses tipos de caça quando as manivas estiverem maiores. A partir do momento que começa a consumir, não precisa mais de *yaichuumadö* (canto). É diferente depois que parimos, tem que ter *yaichuumadö* toda vez que começa a consumir. Mas o que plantamos na roça pode comer sem ter problema”.

As comidas que foram queimadas não podemos comer, na nossa cultura acreditamos que isso pode te adoecer sem vontade de viver, não só a mulher que não pode comer com a comida queimada ou caça que foi queimada também. Até seu filho pode adoecer por causa disso e ficar sem vontade de viver ou se mulher grávida comer, seu filho pode nascer com problemas de saúde. É por isso que é muito perigoso comer comidas queimadas.

Quando a mulher está grávida, ela deixa de comer certos alimentos e principalmente na sua primeira gravidez tem que seguir as regras, apresento a tabela abaixo com informações dos alimentos que a grávida não deve comer.



**Imagem 41: senhora cantando banana para ser consumida pela *aji'cho*. Foto da autora (2019).**

**Tabela 6**

| Tipos de alimentos   | Motivo   |
|--|--|
| Alimento preparado no dia anterior e água pega no igarapé no dia anterior. | A criança demora a nascer, parto complicado.           |
| Comida levada na caçada que sobrou e levou de volta para casa.             | Quando está nascendo, a criança volta e demora nascer. |
| Raspa da panela.   | A criança não nasce.                                   |

Na tabela abaixo apresento as aves que a mulher grávida não pode comer.

**Tabela 7**

| Nomes                                   | Motivos  |
|---|--|
| Nambu                                   | No parto, a mulher se cansa com suor e a criança morre no parto. |
| Tucano, arara, papagaio, pica-pau, yaji | A criança não nasce.   |
| Galinha                                 | Complicação no parto.  |
| Pássaro que foi caçado com zarabatana.  | Criança não nasce.   |
| Sedi, köghaukwä e sunaamo.              | Dá hemorragia interna na mulher.                                 |

Na tabela seguinte a caça que mulher grávida não pode comer.

**Tabela 8**

| Nomes   | Motivos   |
|---|---|
| Veado e cutia.                                | Dá complicação no parto.                                |
| Tartaruga                                     | A criança não nasce.                                    |
| Dimuuku, mudeemude e eiyoko (tipos de larva). | A criança não nasce.                                    |
| Preguiça.                                     | A criança se segura.                                    |
| Qualquer caça que o cachorro caçou.           | Dá preguiça no cachorro, o cachorro não vai mais caçar. |

Na tabela abaixo o pescado que a mulher grávida não pode comer.

**Tabela 9**

| Nomes  | Motivos                                   |
|--|---|
| Cascudo, caranguejo e camarão.                       | A criança não nasce.                      |
| Piranha.   | Dá hemorragia interna na mulher.          |
| Suduukuji, sukkujiimã.                               | Dá hemorragia interna na mulher.          |
| Kuniichai.   | Dá mais dor no parto.                     |
| Matrinxã   | Sofre aborto.                             |
| Qualquer peixe pescado com malhador.                 | A criança se prende.                      |
| Qualquer tipo de caça assada com embrulho de folhas. | Bolsa estoura antes do tempo e não nasce. |

A tabela abaixo apresenta o que homem que não pode caçar, quando sua mulher está grávida.

**Tabela 10**

| Nomes                                    | Motivos              |
|--|----------------------|
| Tatu                                     | A criança não nasce. |
| Koto, shinhaawe e fu'juku (tipos de rã). | Sofre aborto.        |

Na tabela seguinte apresento o que o homem não pode comer quando sua mulher está grávida.

**Tabela 11**

| Nomes   | Motivo  |
|---|---|
| Qualquer caça que cachorro caçou.   | Dá preguiça no cachorro, o cachorro não vai mais caçar. |
| Dhadaakadu, wade'data, wakaawaka e wisha. (tipos de macaco que os homens comem) | No parto a criança pode se segurar, não vai nascer.     |
| Tartaruga, wadaada, fede, tadeedekeya, e os seus ovos.                          | A criança não nasce.                                    |
| Dimuuku, mudeemude e eiyyoko (tipos de larva).                                  | A criança não nasce.                                    |
| Peixe cascudo, caranguejo e camarão.  | A criança não nasce.                                    |
| Peixe pescado com malhador.   | A criança pode se prender no parto.                     |
| Qualquer tipo de caça assada com embrulho de folhas.                            | A criança não nasce.                                    |

Depois que nasce o bebê, entramos em resguardo, aí não pode comer nenhum tipo de comida sem canto, até para beber água tem que fazer *yaichuumadö* antes de consumir. Com o tempo, cada um dos alimentos que vai inserir novamente na dieta, quando forem permitidos, tem que passar pelo canto, se não fizer canto pode afetar a saúde da criança ou da mãe. E o

pai também deixa de comer certas coisas, para consumir tem que passar pelo canto, pode afetar na saúde da criança também e até o pai.

#### 4.1 Resguardo no pós-parto

Após o nascimento do bebê, a mulher entra em resguardo, que inclui as proibições de alimentos.

Quando a mulher começar as contrações, a mãe da moça vai imediatamente à roça para buscar as *mada*, as folhas de *woi*, as folhas de *aadeji*, em cima dessas folhas que a criança nasce, para proteger de maus espíritos. Logo quando nasce tem que dar seu nome em Ye'kwana. O *jhomjödö* (placenta) do bebê é escondido no cupinzeiro para que as moscas não comam e outros animais entrem em contato, o bebê pode adoecer, pode ficar inquieto quando dorme e chorar sem motivos. Quando der peito para o recém-nascido tem que passar pelo *yaichuumadö* antes, o cantor assopra no peito e a mãe pode dar peito ao seu filho. Se não cantar, pode fazer mal ao bebê.

A mulher fica dentro de casa sem poder sair com criança. Ela também não pode ficar sozinha dentro de casa com seu filho recém-nascido, tem que ter acompanhante, irmã, mãe ou marido. Se a mulher ficar sozinha com seu filho recém-nascido, *odo'sha* pode chegar até eles e levar seu *äkaato* (duplo da pessoa), e a criança e a mãe podem adoecer gravemente ou até morrer. Para tomar banho a mulher se banha dentro de casa com água trazida do igarapé por suas irmãs.

O primeiro alimento que a mulher pode inserir na sua dieta após o parto é *wokö atuunannö'ajä* (mingau de beiju), tem que pedir *yaichuumadö* primeiro ao sábio. Esse canto é feito para pedir permissão à dona da água e para a dona da roça, para que não faça mal ao bebê e à mãe. E dentre as caças, pode comer somente *moto* (minhoca), que não faz mal ao bebê e dá muito leite no peito. Também pode comer alguns tipos de peixe, como *widiidi*, *kuniichai*, *kudaakane*, *tuuda*, *maawo*<sup>49</sup>. Também tem nas outras regiões outros tipos de peixes, *aimmada*, *asuuwaana*, *mataawade*<sup>50</sup>.

A mulher fica dentro de casa até que umbigo do bebê caia. Quando o umbigo cai a mãe da moça convida *yaichuumanai* (cantor) para cantar para a criança poder sair pela primeira vez para ver o sol e entrar em contato com o vento. Enquanto o cantor fica cantando,

<sup>49</sup> Os nomes dos tipos de peixe que tem somente naquela região de Auaris.

<sup>50</sup> Os nomes de peixe que tem nos outros lugares no rio maior, como também na cidade.

indo na direção da porta, a mulher com bebê no colo vai seguindo ele devagarzinho. Eles vão até a beira do igarapé. Eles ficam sentados na beira do igarapé enquanto o cantor fica cantando, até terminar de cantar, e por fim dá banho no bebê com *änku*<sup>51</sup> e outras plantas. Essa saída de casa é apenas sair e logo retornar, a mulher permanece de resguardo ainda até completar um mês, sem poder ir para roça e caçar, porque a criança pode adoecer ou até a mãe. Depois de um mês é que a mãe começa a ir para roça e caçar também.

Alguns peixes a mulher não pode comer: *Detuukwä, käneedo, konoi, känhekiijai, fade, kankajuudu, fädeeshishi, seki'jhä*<sup>52</sup>, pode dar câncer na criança ou na mãe, também pode dar diarreia com sangue. *Madha'wana* pode dar as manchinhas brancas na criança; *muudujaade* dá câncer, *fädeewa*<sup>53</sup> dá leishmaniose e estraga dentes.

Outros tipos de peixes de outras regiões que também são proibidos para a mãe durante o resguardo: *fakamu, muudu, ka'shai, adaakaade, yaaki, kana, de'shai, kanaase, kudaaka, ka'kawa, fadifadi, fädeemu, yawööda, wötöwötö, wadiichu, muukuudi, deede, shi'shidiwa, yaffa, akuffa*, e outros, dá câncer e diarreia com sangue na criança e na mãe. Pai também não pode comer *Katiishi*, dá leishmaniose.

Os tipos de caças que mulher não pode comer no resguardo: tatu, anta, caititu, porco do mato, veado e paca - dá câncer e vermes.

Na tabela seguinte apresenta alguns passarinhos que os pais não podem comer. O nome dos pássaros escrito em Ye'kwana.

**Tabela 12**

| Nomes                        | Motivos                                      |
|------------------------------|--|
| <i>Maadiimä, yeyyei</i>      | Leishmaniose.                                |
| <i>Kwakwa'shidi</i>          | Não presta, estraga o pensamento da criança. |
| <i>Faijhayu, She'se</i>      | Dá choque no trovão, a criança fica muda.    |
| <i>Tukui, Kawaadi-tukui</i>  | Não cresce.                                  |
| <i>Kadaada</i> <sup>54</sup> | Leishmaniose e picada de cobra.              |

<sup>51</sup> Tipos de planta usadas no primeiro banho no bebê recém-nascido.

<sup>52</sup> Os nomes dos tipos dos peixes que tem na região de Auaris.

<sup>53</sup> Os nomes do peixe em Ye'kwana.

<sup>54</sup> Os nomes dos pássaros em Ye'kwana que comemos.

Conforme a idade da criança, a mãe vai comendo aos poucos as caças que não fazem mal à saúde de criança e até sua própria saúde. O pai também não come as caças que foram descritas acima, pelos mesmos motivos das doenças que pode causar na criança e também que a mãe.

O pai também não pode caçar e não deve matar algumas caças, na tabela seguinte apresento os nomes dos animais que não podem ser caçados e os motivos que pode afetar a criança.

**Tabela 13**

| Nomes                   | Motivos  |
|-------------------------|--|
| Arara, papagaio.        | Dá asma.   |
| Jacu e nambu.           | Não anda, bebê fica inquieto.                                    |
| Mutum, kujubim, tucano. | Criança adocece, chora se motivos e sem vontade de se alimentar. |

Outras caças que o pai não pode matar

**Tabela 14**

| Nomes                              | Motivos   |
|------------------------------------|---|
| Tatu, paca, porco do mato e veado. | A criança adocece, chora igual aos gritos destes animais.                       |
| Jacaré.                            | Leva o duplo da criança aos lugares perigosos, por causa disso a criança morre. |
| Tartaruga.                         | Leishmaniose, inchaço no corpo.   |
| Macacos e preguiça                 | Criança fica inquieta.  |

Os tipos de peixes que o pai não pode pescar: *kana*, *ya'koto*, *akuffa*, *katiishi*, *wadaase*, *kudiidi*, *fakaamu*, *faku*, *wadaaku*, *dijuushi*, *nhaamadu*, eles levam o duplo da criança aos lugares sagrados e perigosos, nas montanhas, até chegar aos seus donos. Tem vários tipos de coisas que os pais não devem fazer nas tarefas do cotidiano, como por exemplo, não pode cortar árvores, pois afeta a saúde criança e seu crescimento, principalmente cortar a árvore da bacaba. Como usamos muitas coisas da cidade, tais como computadores, celulares, televisões e radiofonia, é por isso as crianças choram sem motivos. Não pode amolar facão e machado, pois a criança pode adoecer com feridas no pescoço e assaduras. Não pode jogar *Kadaatumadi jhu'jä* (bola), a criança chora sem motivos e fica inquieta, porque a bola é considerada pelo povo *Ye'kwana* a cabeça de *odo'sha*. Enfim, tem várias coisas que não podemos fazer com criança recém-nascida, mas em meu trabalho analiso somente o que envolve alimentos, que é tema da minha dissertação.

## 4.2 Comida cultivada, caça e a alimentação das crianças

Quando a criança completa um mês, o bebê pode comer mingau de banana ou banana assada com casca, somente dois tipos de banana: *makedente* e *wadiidi*. Dependendo do peito da mãe, quando a mãe não tiver leite suficiente para o bebê, ela vai dar logo a banana, mas o bebê não pode comer banana crua até completar um ano de idade. Quando estiver com seis meses, o bebê vai comer outros dois tipos de banana: *kökwö* e *kudaatana*. Quando completar um ano de idade, ele vai comer os outros tipos de banana e também inhame e *sokwa* (cubiu).

Coisas que a criança pequena não pode comer: cará, batata-doce, abóbora e *fa'da* - se comer, não anda. Também abacaxi pode causar leishmaniose na criança, cana também estraga os dentes da criança.

Quando completa um ano, a criança começa a comer apenas pássaros, nambu, *ädööwo*, *kaawayummä*, *ajishaammä*, *feniijeni*, *mayuujammä*, e também *moto neene*, os que não fazem mal para saúde criança. Com dois anos, ele começa a comer outros tipos de caças das aves, *cujubim*, jacu, *tada'kwa* e também outro tipo de caça, como veado. Com dez anos a criança come outros tipos de aves, tucano, arara, papagaio e mutum e mutum do rabo marrom, também outros tipos de caça como anta, paca, porco do mato, cutia e jacaré. Também os tipos de peixe *mudujaade*, *fadeewa*, *faku*, *wadiichu*, *ka'shai*, *yaffä*. Assim ele vai comendo os tipos de caças conforme a sua idade. Toda vez que der para criança comer pela primeira vez, passa pelo processo de *yaichuumadö*.

## 4.3 Proibições alimentares na mulher menstruada

A mulher menstruada não pode comer certos alimentos, como a caça que o homem caçou. O motivo é que o rapaz que foi o caçador não vai ser mais caçador como antes e se torna preguiçoso. Ela pode comer somente a caça que a mulher caçou que não vai afetar sua caçada. Para ela, não há restrição no consumo dos alimentos cultivados na roça.

Também ela não deve ir até a roça para buscar alimentos nem para fazer limpeza da roça, porque afeta a roça, o que acreditamos que está vivo no meio da roça, que pode se zangar, que pode estragar suas raízes e seu crescimento.

#### 4.4 Restrições alimentares quando seu parente falece

Quando morre seu pai, mãe e seu irmão, mesmo sendo seu irmão filho de seu pai com outra mulher, nós seguimos restrições alimentares, como quando morre um desses que foi citado, não pode comer certos alimentos que colhemos na roça, como banana, pois causa dor de barriga e também outros tipos que colhemos. Também não podemos comer as frutas que colhemos no mato, como ingá, pupunha e outros frutos, porque pode causar dor de barriga. Antigamente o povo seguia essas regras e demoravam a comer as frutas, quando a parente falecia na época das frutas maduras eles não comia as frutas, eles esperavam a próxima época da fruta, que não tinha mais problema. Hoje em dia comemos as frutas depois de 10 dias de resguardo.

Quando seu pai falece, você não pode comer as caças, isso pode demorar muitos meses. Você começa a comer somente as mais leves, como crianças quando começam comer a caça, isso não é de qualquer jeito, tem que passar pelo processo do canto (*amoichadö*). Tem caças que demoram um ano, como anta e mutum, eles são mais prejudiciais à saúde. Se você comer, você pode prejudicar gravemente sua saúde, como causar câncer, como vimos no primeiro capítulo com a morte do sogro.

#### 4.5 Proibições alimentares na picada de cobra

Quando acontece acidente com a cobra, toda comunidade para de trabalhar, principalmente a família da pessoa, que não deve comer certos alimentos, principalmente peixe pescado com anzol, porque o anzol imita os dentes da cobra e também paca não podem comer, porque a paca tem dente da cobra na costela. Caso consumam estes alimentos, pode acontecer novo acidente com a pessoa que comeu.

Com o acontecimento do acidente com a cobra, a comunidade para durante seis dias, não podemos ir para roças para fazer a limpeza, não saímos para caçar. Os mais velhos ficam na casa redonda, contando *wätunnä* e conversando até a pessoa picada se recuperar. A pessoa picada também deve receber o tratamento no local em que foi picada, se ela for picada na roça, ela ficará em resguardo em um tapiri (abrigo) lá mesmo e a equipe de saúde ministrará o soro antiofídico no local. Somente quando estiver recuperada, a pessoa retorna para sua casa. Ele se torna *tänwa'dooto*, como expliquei acima, até ele se limpar com as folhas e *mada* e

limpar o corpo durante alguns meses ou até um ano, antigamente a pessoa ficava de *tānwa'dooto* durante um ano. Hoje em dia as pessoas fazem resguardo de poucos meses.

Na verdade, a pessoa não come nada quando acontece o acidente ofídico, porque ele foi tomado de veneno, se for homem, nem mesmo a caça que ele caçou antes do acidente. Antes de sua melhora ele não deve comer nada, porque seu corpo não pode receber bem os alimentos. A mulher também deve seguir as mesmas regras, se ela preparou os alimentos para durar mais tempo antes do acidente, tudo que ela fez não pode ser consumido, e também não come nada até se recuperar. Quando ela entra pela primeira vez de volta à comunidade é feita a pescaria com timbó, nós Ye'kwana conhecemos vários tipos de timbó que chamamos em nossa língua *adhaadi* e *damai* como expliquei mais acima, *adhaadi* é trabalho masculino, eles saem mais cedo para busca *adhaadi* no mato, o *damai* é trabalho feminino, *damai* tem plantação arredor da casa e também na roça, apenas as folhas são tiradas pelas mulheres e elas levam ao local da pescaria, lá elas amassam suas folhas com ajuda de algumas crianças meninos. Depois que elas tiram as folhas de *damai*, elas entram em jejum, principalmente coisas com doce e salgado, como banana, cana e tudo que tem sal, como pó de pimenta jiquitaia, apenas tomam chibé antes de iniciar a pescaria, e os rapazes também, até terminar pescaria, somente quando acaba pescaria eles podem voltar comer sem problema. Quando é feita pescaria em rio maior, eles sofrem mais, um dia de preparo de *adhaadi* e *damai*, todos que trabalharam com eles dormem sem tomar banho e não comem coisas frias, eles tomam apenas mingau de beiju, para que os peixes não morram e as pessoas não pegam peixes como esperado.

Quando é feita vingança com *woi*, as pessoas entram em jejum, principalmente as famílias mais próximas, irmãos, pais, filhos, eles podem tomar somente o mingau de inhame umas vez por dia durante quatro ou seis dias, outras pessoas podem comer pimenta e beiju, somente não podem comer caças, porque *odo'sha* pode entrar dentro da carne de caça e a família mais próxima não deve comer, porque *woi* pode não fazer efeito, não seguindo o paradeiro do *odo'sha* que fez a pessoa falecer.

Quando moça tem sua primeira mensuração, ela entra em jejum para proteger seu corpo, que está entrando em outra fase da vida, e também para proteger das coisas que podem fazer mal a seu corpo e seu espírito. Em outras da fases da vida também entramos de jejum, como vimos, quando nasce seu filho, para proteger espírito e corpo do seu filho e também o seu próprio corpo.

#### **4.6 Alimentos cultivados que os pais não devem comer quando seu filho está com ferida**

Quando seu filho estiver com ferida causada por corte, seus pais e seus irmãos não devem comer alimentos cultivados na roça, principalmente abacaxi, cubiu e outros, pois a ferida não sara ou piora. Também quando estiver com a queimadura no corpo do seu filho, não deve comer as mesmas coisas colhidas na roça, também caças como queixada, porque ele devora a terra.

As caças que os pais não devem comer quando seu filho está doente ou com febre.

Tem as caças que não podemos comer quando seus pais, irmão e filhos estiverem doentes, principalmente quando estiver com febre, você não pode comer queixada, pois a febre pode piorar. Também não podemos comer anta, veado, paca, mutum, que assim como a carne de queixada, pode agravar a febre.

#### **4.7 Alimentação e o modo de vida Ye'kwana.**

O povo Ye'kwana sempre viveu a partir de seu conhecimento de *wätunnä* para organizar sua vida. Até os dias de hoje o povo vem buscando melhorar sua vida com base nestes ensinamentos.

Atualmente vivemos nas comunidades *Tajäade'datoinha*, *Fuduuwaduinha*, *Kudaatainha* e *Waichanha* fazendo nossas roças e caças. Pelo que pude perceber estando na comunidade como pesquisadora, as mulheres trabalhando nas roças, buscando mandioca na roça.

Na comunidade sempre vivemos comendo nossos próprios cultivos, coletas e caças. Os alimentos sempre vêm da roça ou da mata, quando falo da mata porque é lá que caçamos e também colhemos as frutas. Assim vivemos na nossa comunidade. Isso que os não-indígenas chamam de soberania alimentar é muito importante para nós, a capacidade de produzir nossos próprios alimentos sem depender do que é produzido na cidade. Não são apenas os alimentos consumidos, mas o saber que está associado à produção de alimentos: os cantos, as restrições alimentares, os cuidados com o que se come e quando se come. Tudo isso é o que garante a saúde das pessoas, comer de forma adequada ao nosso modo de vida.

Mesmo quando vamos para a cidade de Boa Vista, nós levamos conosco nosso alimento feito por nós, como por exemplo, beiju e farinha, quando tem gente da sua família na cidade, mandamos para ele sua alimentação feita na comunidade. Atualmente está muito difícil conseguir mandar pelo voo da SESAI. Algumas vezes, o povo decide fretar voos para levar compras que fizeram na cidade para comunidade e o povo da comunidade aproveita para mandar beiju e farinha para sua família na cidade, quando o avião retorna. A foto abaixo mostra no dia que os funcionários do povo ye'kwana fretaram um voo e as mulheres aproveitaram o voo para mandar beiju para sua família na cidade.



**Imagem 42: O beiju torrado em sacos e caixas para ser enviado a Boa Vista.**

**Foto Marciano Rocha (2019).**



**Imagem 43: beiju sendo enviado para Boa Vista.**

**Foto da autora (2019)**

Nas comunidades, a alimentação tem mudado um pouco. Em 2008, depois que retornei para a minha comunidade, vindo da cidade de Boa Vista após a conclusão do ensino médio, pude perceber algumas pequenas mudanças alimentares, como inserção do hábito de tomar café. Deste então tomamos café pela manhã somente quando tem, as pessoas falam que é como complemento, ele não substitui nossos alimentos.

Também começamos a comprar carne e frango na cidade. Com a escassez da caça, atualmente é muito difícil conseguir carne, com aumento da população dos nossos vizinhos *Sanumá*, que são a maior população ao redor da comunidade. O frango que compramos na cidade chega no voo da saúde, mas não é para toda comunidade que chega o frango, apenas para algumas famílias, principalmente as famílias em que um dos membros é funcionário da saúde.

Antigamente não conhecíamos café e frango, não comprávamos. Mas não são todas as famílias que tomam café pela manhã, somente algumas. Também não quer dizer que o café substitua a comida de manhã, fazemos os mingaus de beiju, banana e inhame e tomamos também.

Em 2014 ocorreram os encontros do PGTA Yanomami e Ye'kwana (Plano de Gestão Territorial e Ambiental, elaborado com o apoio do Instituto Socioambiental e diversas associações dos povos Yanomami e Ye'kwana), junto com pessoal da saúde veio nutricionista para orientar o povo sobre o consumo dos alimentos industrializados, do quanto é prejudicial para saúde. Como sempre, dizemos que não podemos deixar de lado nossos alimentos que colhemos na roça, que é a principal fonte de alimento para nosso povo. Como dizem os mais velhos, é nossa *do'ta*, nosso “princípio de vida”, é aquilo que deixa vivo o corpo da pessoa. Os alimentos colhidos da roça são a principal fonte de alimento do povo ye'kwana, como se fosse uma *do'ta* para nós, que nos dá vida, nos deixa vivos, que nossos ancestrais trouxeram para nós. Alguns alimentos que compramos da cidade são apenas complementos, isso não é do nosso alimento. Se perdermos a capacidade de cultivar nossos alimentos, perderemos nossa soberania alimentar, perderemos nossa *do'ta*, deixaremos de estar vivos.

Quando nós Ye'kwana vamos para cidade, nós comemos outras coisas compradas lá em outro lugar, alimentos industrializados, então antigamente quando a pessoa retornava para a comunidade após uma temporada na cidade, tinha que fazer limpeza no corpo, limpar o corpo do que foi consumido lá, não só dos alimentos industrializados como também a carne, principalmente dos peixes, porque o peixe de outra região não tem na sua comunidade e também o frango que foi consumido na cidade. Quando chegava à comunidade, a pessoa

sempre ficava isolada por algum tempo, com medo de trazer doenças da cidade ou de outros lugares, e as pessoas vomitavam para limpar o corpo do que consumiu por lá. Hoje em dia as pessoas não fazem isso, quando retornam na comunidade da cidade eles vão direito para casa, e não ficam isolados, não limpam o corpo como faziam antigamente, para retirar do corpo o que consumiu. Eu mesma não sabia sobre isso, porque nunca vi isso acontecer, mas aprendi sobre isso conversando com pessoas mais velhas, durante a minha pesquisa para a dissertação.

Os sábios falam que por não fazer isso, hoje tem tantas doenças que não tinham antes, como por exemplo, hoje tem pessoas diabéticas do povo *Ye'kwana*, por não limparem mais seus corpos quando retornam para sua comunidade e também outras doenças que não temos remédio, as doenças que nos são desconhecidas.

#### **4.8 Plantas que cultivamos ao redor das casas**

Há algumas plantas que são cultivadas ao redor da casa, frutas como pupunha e ingá. Também tem algumas plantas que são levadas da cidade ou de outra região, como laranja, graviola, jaca, buriti e jambo, também existem outros tipos como banana, açaí, caju. Além dessas plantas, também plantamos outros tipos que são chamadas em *Ye'kwana* de *woi*, ele é considerado o guardião das casas e tem papel importante em rituais de vingança por ocasião da morte de alguém, como já foi citado anteriormente. O *woi* também é usado quando algum parente falece, as pessoas da comunidade sempre pegam suas folhas e colocam em cima das comidas que tem nas casas das pessoas, para que as suas folhas protejam as comidas do *äkaato* (duplo da pessoa falecida) ou *odo'sha* que fez mal na pessoa que faleceu. As *mada* também são plantadas pelas sábias ao redor das casas, as sábias que tem conhecimento da origem das *mada*. São essas *mada* que são colocadas para proteger as crianças recém-nascidas, moça que teve sua primeira menstruação e a mulher que pariu, para proteger dos maus espíritos.



**Imagem 44: Uma casa e ao seu redor plantações da manivas e outros cultivares. Foto da autora (2019)**



**Imagem 45: Plantação de palmeiras de açai ao redor da casa. Foto da autora (2019).**



**Imagem 46: Palmeira de açai e suas frutas**  
**Foto da autora (2019)**



**Imagem 47: Plantação do *damai* (tipo de timbó) no quintal da casa, no fundo plantação da palmeira de pupunha.**  
**Foto da autora (2019)**

#### 4.9 Alimentação nas festas e rituais

No final de 2019, retornei à minha comunidade junto com o pessoal que foi participar da exposição em Belo Horizonte no Espaço do conhecimento da UFMG, porque eles tinham o voo para retornar à comunidade, então aproveitei e retornei junto com eles. Quando cheguei à comunidade não anotei nada do que estava acontecendo na comunidade, mas vou relatando algumas coisas que eu lembro. Como diz seu Vicente Yuruwana, nós somos capazes de gravar em nossa memória, não dependemos só do caderno e lápis.

Aconteceram muitas atividades na comunidade, como o torneio intercomunitário junto com os Sanumá, os soldados do exército e o pessoal da outra comunidade ye'kwana, *Kudaatainha*. Nesse torneio o time Ye'kwana da comunidade *Fuduwaadunha* foi campeão. Enquanto acontecia o torneio, as mulheres das comunidades ficavam servindo comida para as pessoas, convidados das outras comunidades Sanumá e Ye'kwana. Elas sempre acordavam muito cedo, às três horas de madrugada, para servir chibé para os times. Pelo que percebi, as meninas trabalharam muito, levavam comidas todos os dias, até terminar o torneio. Depois do torneio elas descansavam um pouco e voltaram para suas atividades nas suas roças. Assim é nosso costume quando acontecem eventos na comunidade. As mulheres são responsáveis por alimentar todos, inclusive os convidados de outras comunidades.

No dia 23 de dezembro de 2019 teve outra atividade, o ritual de embelezamento de duas moças, Jacqueline minha sobrinha e Júlia, outra moça. Como narrei no primeiro capítulo, minha sobrinha havia menstruado pela primeira vez meses antes, e agora estava encerrando seu período de reclusão. Nesse dia, nós acordamos muito cedo porque minha irmã tinha que entregar as miçangas para o *yaichuumanei* (cantor) na *ättä*, eu fui acompanhar minha irmã para deixar miçangas na *ättä*, o *yachuumanei* estava lá esperando e deixamos para ele, que começou a cantar. Ficamos um pouco para acompanhá-lo, assim que ele terminou de cantar, pediu para cortar cabelo das moças, cortar *sekuude* (corte redondo, em forma de cuia). Depois, as tias das moças começaram a colocar as miçangas nelas para embelezar, depois que terminaram de colocar as miçangas, elas fizeram pinturas no corpo todo delas. E por último, elas colocam as penas de uma águia nas pinturas, para enfeitar. No ritual, não foi autorizada as fotografias pelo cantor. Aproveitei enquanto as moças saíram para fazer suas necessidades e fotografei-as. É com este ritual que as moças saem do período de reclusão após a menarca e podem voltar a usar pintura corporal, miçanga e também voltam a participar das atividades cotidianas.



**Imagem 48: Ritual do embelezamento das moças. Foto da autora (2019)**

Depois que terminaram de enfeitar, elas tomaram *yadaaki* (bebida fermentada) para fazer limpeza no corpo da moça e elas ficaram bêbadas, enquanto isso o cantor continuou o tempo todo cantando até terminar o ritual, durante o qual as mulheres serviram *yadaaki* até seu término, e assim terminou o ritual do embelezamento das moças na comunidade.

No mês seguinte, em janeiro de 2020, a comunidade teve outras atividades como queimadas e primeiro plantio das roças, cada família tinha roça para fazer suas plantações, e outras famílias pediram ajuda para suas plantações, trabalho de mutirão.

No final do mês de janeiro e fevereiro de 2020 houveram outras atividades, como construção das casas. A comunidade construiu duas casas nesses dois meses. Uma dessas duas casas foi a minha casa nova, que construíram em apenas uma semana. Durante a construção da casa, as mulheres sempre levavam *yadaaki* e *wokō* para rapazes que estavam trabalhando, para alimentá-los até terminar a construção. Depois que terminou a construção, no final de fevereiro, teve um ritual de inauguração da casa com a participação de toda a comunidade.

## 5 Considerações Finais

Este texto foi escrito por mim a partir da pesquisa realizada na comunidade *Fuduwwaadunnha*. Mesmo sendo *Ye'kwana*, tive que aprender muitas coisas que eu não sabia antes. Parece que entrando na universidade, com as ferramentas da antropologia, pude aprender mais coisas sobre meu povo, a cultura, o costume e o que vivemos no dia-dia através de *Wätunnä*. Percebi que a antropologia e seu estudo do *weinhä jäkä woowanomanä* (que estuda sobre comportamento dos seres humanos), me permitiu escrever o texto da minha pesquisa, e pude perceber e refletir sobre o que estava vivendo dentro da minha comunidade. Percebi muita coisa, como as crianças aprendem acompanhando sua mãe na roça, as crianças sempre estão presentes no trabalho, acompanhando e vendo o que seus pais fazem – essa é a nossa forma de aprendizagem.

Pude perceber também que a pesquisa traz mais ideias sobre o que devemos saber, ficamos mais interessadas sobre o que acontece nas reuniões dos homens, sobre o que eles estão conversando, também perdemos o medo de perguntar ao sábio, a pesquisa te dá coragem. Fico me perguntando, será que seria capaz de perguntar a um sábio ou sábia, sem ter entrado na universidade? Parece que não saberia ou não seria capaz de perguntar a um sábio sem ter entrado na universidade, somente viveria como sempre vivi na comunidade, indo à minha roça todo dia sem perceber que roça está comigo e ela é viva.

Para mim foi muito importante estudar e também conhecer outras culturas. Quando entramos na universidade, conhecemos mais os povos indígenas que vivem no Brasil. Sem ter entrado na universidade, não saberia o que acontece com outros povos, não só os indígenas, como também com os quilombolas, tive oportunidade de conhecer mais sobre as suas histórias.

Quando fui para Itália apresentar a minha pesquisa em novembro de 2019, junto com a professora da Faculdade de Educação (FaE/UFMG) Ana Gomes, nessa viagem tinha um estudante quilombola da FaE, Bruno, seu trabalho era sobre Racismo no Brasil, na apresentação dele pude conhecer mais as histórias que ainda há no Brasil. Por isso é importante estudarmos para conhecer mais.

Então por isso posso dizer que estudar antropologia é muito importante para o povo conhecer mais nossas histórias, mesmo sendo *Ye'kwana* temos que aprofundar mais os conhecimentos das nossas *Wätunnä*, em outra forma de aprender nossos conhecimentos. Penso que já nascemos sabendo de um pouco da nossa *Wätunnä*, quando estudamos mais sobre ela, apenas estamos aprofundando o conhecimento de outra forma.

Se não tivesse aprofundado meus estudos, não saberia o que acontece no Brasil, que todos os indígenas sofreram e tem sua história também como nós, povo *Ye'kwana*, temos nosso *Wätunnä*, assim também acontece com muitos outros povos.

Neste texto, apresentei os dados etnográficos da minha pesquisa, tratando do surgimento dos alimentos cultivados. Procurei destacar as especificidades dos saberes *ye'kwana*, ao abordar as práticas de alimentos cultivados na roça e preparo dos alimentos cultivados. No primeiro capítulo, apresentei as restrições e regras alimentares surgindo no inesperado do cotidiano, tanto dos alimentos cultivados quanto da caça. E no segundo capítulo procurei apresentar o cultivo de alimentos e o trabalho nas roças: abertura e o primeiro plantio, sempre buscando melhorar a narrativa e tentando mostrar para que o leitor possa entender melhor minha escrita. Sempre gostei de ouvir as histórias narradas pelo meu avô (falecido irmão mais novo do seu Vicente Castro), ele sempre frequentava a nossa casa, então quando ele entrava, eu, curiosa, pedia que ele me contasse histórias, então ele me contava várias histórias, algumas de que eu ainda me lembro.

Como os sábios sempre falam, nossa forma de ensinar é oral, então tentei explicitar narrando, a partir das falas da senhora sábia Dona Amélia.

A partir da minha pesquisa etnográfica fui percebendo que as mulheres *ye'kwana* vêm praticando seu modo de vida e a vida social entre suas famílias, a preocupação da mulher *ye'kwana* com o desejo de ter sua roça, e a importância do parentesco com sua roça.

Essa dissertação vai contribuir para a importância dos saberes *Ye'kwana* com os cuidados das roças, seu crescimento, o que há dentro dela, que vão transformando os alimentos do dia-a-dia do povo. O trabalho de campo etnográfico para mim constitui uma prática da vida social do meu povo, como por exemplo, a fabricação do beiju e plantações da roça.

Antigamente as pessoas seguiam as regras do resguardo (como nascimento do seu filho, que nasce no seu próprio ventre, para poder transformar ou preparar o seu crescimento), assim também com sua plantação na roça, manivas e outros, para que ela viva bem e saudável, principalmente para que suas raízes (mandiocas) fiquem grandes como chamamos em nossa língua *tunne*<sup>55</sup>.

Quando falo nas restrições alimentares no capítulo três, podemos ver como o corpo está ligado a tudo que tem a ver com alimentação que vem da roça, vem com o cuidado do

---

<sup>55</sup> A palavra *ye'kwana* que as mandiocas fiquem enormes e saudáveis.

corpo para transformar a pessoa em adulta, em um corpo adulto. Quando nasce uma criança, entramos de resguardo para que a criança cresça com vida e saudável.

Antigamente, quando uma moça engravidava, todos os seus ex-namorados ou os que tiveram relações com a moça, os rapazes não comiam a caça que o cachorro caçou, mesmo se moça for casada, tenha engravidado do seu marido, os rapazes que tiveram relações com ela antes de se casar seguiam essa restrição, do contrário, o cachorro que caçou vira preguiçoso e não caça mais.

Quando a mulher está grávida, tem coisas que o pai não pode fazer, mesmo que seja na hora de se defender dos perigos que vem da mata, como onça e cobra, quando sua mulher está grávida o homem não pode matar onça, pois a mulher pode sofrer um aborto ou a criança pode nascer com deficiência ou doente com asma e outras doenças graves, o mesmo acontece se ele matar uma cobra. Tudo isso tem a ver com restrições, para o cuidado da criança quando ainda está no ventre da mãe, o pai e a mãe estão ligados à criança, até mesmo a seus *ākatto* (componentes internos, duplos).

Segundo a dona Amélia, “a alma ou corpo da criança não está totalmente aqui na terra, porque a corda dela ainda está ligada ao céu. Quando nasce uma criança sua corda ainda está ligada ao céu. Por isso que não podemos maltratar nossos filhos ou não olhar com maus olhares, ela sente tudo, a criança é mais inteligente do que adulto. Seu corpo, sua alma está frágil ainda, ela precisa ser transformada ou cuidada pelos pais. A partir de quando a criança começa a conversar com adulto, a criança já está conosco”.

Então por isso que as regras de restrições devem ser respeitadas com o nascimento dos filhos e da primeira menstruação da moça e outras regras que devem ser respeitadas. Em um texto escrito pelos antropólogos Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (cf. 1978), os autores chamam atenção para a importância da noção de pessoa nas sociedades indígenas, especialmente com relação ao lugar do corpo e da corporalidade. Para eles, a produção física das pessoas está inserida em um contexto voltado para a produção social de pessoas, ou seja, pessoas como membros de uma sociedade específica. O corpo físico não é a totalidade do corpo nem é a totalidade da pessoa. Desde a publicação deste texto, muitos trabalhos têm sido escritos pelos antropólogos sobre este tema. Vimos aqui no meu trabalho que o processo de produção da pessoa ye'kwana, *soto*, está ligado ao tema da alimentação, embora não apenas a isso. A alimentação adequada, que inclui não só o alimento consumido, mas o processo de produção do alimento (a conduta adequada de quem o produziu, os cantos, as restrições alimentares), atuam para garantir o crescimento e desenvolvimento de uma criança, e também para garantir a saúde das pessoas adultas durante toda a vida. Até mesmo a inteligência de

uma criança ou jovem, sua capacidade de aprender, depende de uma alimentação adequada ao modo de vida ye'kwana. É por isso que os sábios nos dizem que nossos alimentos cultivados, que nos foram dados por nossos ancestrais, como vimos em *wätunna*, são nossa *do'ta*, são o que nos tornam vivos.

## Referências

ANDRADE, K. 2007. *A ética Ye'kuana e o espírito do empreendedorismo*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS/UnB.

\_\_\_\_\_, 2009. *Wätunnä: a força de uma profecia ye'kuana*. Tellus (UCDB), v. 17, p. 11-31.

\_\_\_\_\_, 2010. “*Construindo lugares, transformando pessoas. A dialética do espaço entre os Ye'kuana*”. In: TRAJANO FILHO, Wilson. (Org.). *Lugares, Pessoas e Grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: Athalaia.

\_\_\_\_\_, 2011. “*Jogando com espelhos: os Ye'kuana e seus outros*”. In: COFFACI DE LIMA, E. & CÓRDOBA, L. (orgs). *Os Outros dos Outros: Relações de alteridade na Etnologia Sul-Americana*. Curitiba: Editora UFPR.

\_\_\_\_\_, 2017; YUDUWANA, V. C. “*A origem de tudo: uma teoria Ye'kwana sobre a criação do mundo*”. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 22, p. 160-181.

\_\_\_\_\_, 2018. “*Unidade e diferença: os Ye'kwana e suas relações com a fronteira binacional*”. Anuário Antropológico, v. 44, p. 55-79, 2018.

ARVELO-JIMÉNEZ, N. 2001. *Movimientos Etnopolíticos Contemporáneos y sus raíces organizacionales en el Sistema de Interdependencia Regional del Orinoco*. Série Antropologia, no. 309, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_, 2001b. *Perspectivas y lecciones*. Atlas Dekuana, Simeón Jiménez e Nelly Arvelo-Jiménez (ed.), Asociación Kuyujani Originário y Asociación Outro Futuro.

\_\_\_\_\_, 1974b. *Influencias aculturativas en el área marginal-fronteriza de Venezuela*. América Indígena vol. XXXIV no. 1.

\_\_\_\_\_, 1974. *Relaciones políticas em uma sociedade tribal*. México: Instituto Indigenista Interamericano.

BARANDIARÁN, Daniel de, 1981. *Introducción a la Cosmovisión de los Índios Ye'kuana-Makiritare*.

\_\_\_\_\_, 1974. *Civilizaciones indias actuales de la Guayana venezolana*. América Indígena, vol. XXXIV, no. 1.

\_\_\_\_\_, 1962a. *Actividades vitales de subsistencia de los indios Yekuana o Makiritare*. Antropológica 11.

\_\_\_\_\_, 1962b. *Shamanismo yekuana o Makiritare*. Antropológica 11.

COPPENS, W. 1981. *Del canalete al motor fuera de borda – Misión em Jiwitiña y otras áreas de aculturación em três pueblos Ye'kuana del Caura-Paragua*. Caracas: Fundación La Salle, Instituto Caribe de Antropologia e Sociologia.

\_\_\_\_\_. 1971. *Las relaciones comerciales de los Yekuana del CauraParagua*. Antropologica 30: 28-59.

COSTA, L. 2013. “Alimentação e comensalidade entre os Kanamari da Amazônia Ocidental”. Revista Mana 19 (3): 473-504.

DINIZ, R. O. 2006. *Mitologia Ye'kuana: a imaginação gemelar*. PPGAS/Museu Nacional, UFRJ, Dissertação de mestrado.

GONGORA, M. F. 2017. *Äämä ashichaato: replicações, transformações, pessoas e cantos entre os Ye'kwana do rio Auaris*. Tese de Doutorado. USP.

LAURIOLA, E. M. 2004. *Entre “Corpo” e “Alma”: a não-conversão dos Yekuana no Brasil, in: Transformando os Deuses – igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*, Robin M. Wright (org.), volume II. Campinas: Editora Unicamp.

\_\_\_\_\_. 2003. *Amazônia em Movimento: “Redes” e percursos entre os índios Ye'kuana, Roraima*. Cadernos de Campo: Ano 12, No. 11.

MONTERREY, N. R. S. 2015. *Poder, Parentesco y sociedade entre los Ye'kwana del Caura-Venezuela*. Quito: Abya-Yala.

MORIM, A. G. 2017. “A cultura da batata-doce: cultivo, parentesco e ritual entre os krahó”. Revista Mana 23 (2): 455-490.

SILVA, C. C. da. 2017. *Transformações socioespaciais das comunidades indígenas Ye'kwana e Sanumá da região de Auaris – RR*. Dissertação De Mestrado. UFRR.

SILVA, O. C. 2017. *Cantos celestes: uma etnografia da tradição musical Ye'kwana*. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, UFRJ.

## Glossário

ÄÄMI'CHE: Forma de dizer que foi colher as mandiocas.

ÄÄNEMA'DA: “Você não está seguindo as regras”, é o que dizemos a alguém que não está se comportando adequadamente.

ÄDEEJA: A maneira como os sábios chamam os alimentos cultivados, tudo que está plantado na roça é *ädeejä*.

ÄKATTO: duplo da pessoa; Sombra.

ADHAADI: cipó; tipo de timbó.

ADOONI: É uma palavra muito forte na língua Ye'kwana, que tem vários significados. Para ficar bem e ficar saudável ou com saúde. Está ligada aos seres vivos, às plantações e aos humanos. *Adooni* é o que garante que eles tenham saúde.

AJI'CHOTO: Quando menstrua pela primeira vez, a moça passa a ser chamada de aji'choto.

AMOIJHE: A palavra *amoijhe* se refere a proibições diversas, por exemplo as proibições alimentares. Podemos traduzir *amoijhe* por “proibido/proibição”, mas é importante destacar que a quebra de uma regra considerada *amoijhe* implica o adoecimento da pessoa, risco de sofrer um acidente e até mesmo a morte.

ÄNKU: Plantas usadas no primeiro banho no bebê recém-nascido.

ÄTTÄ: Casa redonda cujas paredes são de adobe e o teto de palha ou tábuas de madeira (cavaco); para realizar os rituais, festas e reunião comunitária.

AWAANA: Uma planta que plantamos no meio da roça para proteger de *odo'sha*, quando escolhemos o local para a nova roça.

DAMAI: tipo de timbó. Diferente do *adhaadi*, que é um cipó, *damai* é um arbusto.

DEDEWASHI: planta usada para curar todos os tipos de doenças, como dores no corpo e outros tipos.

DUUKWADI: queixada; porco-do-mato.

EDE'TÄDÖ: Essa palavra é muito forte na língua Ye'kwana, é o canto que sábios fazem para multiplicar os alimentos. Se tiver pouca comida e muita gente, a sábia canta para que a comida dê para todo mundo ou até que sobre para outras pessoas também. É uma palavra de fertilidade.

ETÖÖDÖTOOJO: Pequena cabaça preenchida com certo tipo de planta especialmente preparada (ver *mada*). São utilizadas para diversos tipos de proteção – acidente ofídico; infortúnios causados pelos *odo'sha*, que são seres malignos; para espantar chuva em situações adversas, etc.

FODEEKASHI: Espécie de armadilha feita com cordas entrelaçadas, como a que é usada para atrapalhar a passagem das mulheres no ritual de iniciação da *aji'choto*.

KUDAAWA: Trançado da folha de um tipo de bromeliácea chamado *kudaawa*. O açoitemento com *kudaawa* serve como forma de proteção, retira doença e preguiça do corpo das pessoas.

KUDIYADA: canoa.

KUSHI: Bebida levemente fermentada de mandioca, doce e com baixo teor alcóolico, ao contrário do *Yadaaki*, que é forte e de sabor azedo, pois é de fermentação mais demorada.

KUNIICHAI: Espécie de peixe; mandí.

KUYUWI: pássaro cujubim.

KOOKO: avô.

MADA: certos tipos de plantas e folhas usadas para proteção contra ataques de seres invisíveis e contra doenças. Também usadas para curar. São usadas para fabricação dos *etöödötojo*.

NATÖ: inhame.

ODO'SHA: Categoria de seres maléficis que existem desde o surgimento do mundo. São as pessoas que queriam estragar o plantio da mandioca ou fazer mal, no tempo da criação das primeiras roças na Terra. Nos dias atuais, acreditamos que *odo'sha* causa males às pessoas.

SOTO: É o conceito Ye'kwana de gente, exclusivamente usado para se referir a pessoas ye'kwana.

TADADDWE ou TADADDWE: Ralo para ralar mandioca, cuja base é de madeira, onde são inseridos os “dentes”. No passado eram feitos de pedra, mais recentemente de metal. O povo Ye'kwana acabou trocando pelo motor para ralar mandioca, usado no dia-a-dia, mas ainda fabricamos estes ralos, para a moça aprender de fazer. Hoje em dia se vê poucas pessoas usando o ralo.

TÄNWA'DOOTO: pessoa contaminada/intoxicada, estado que a pessoa experimenta após o contato com o corpo de um morto, após picada de cobra, após realização de ritual de vingança com a planta *woi*. A moça após sua menarca, durante o período de reclusão, também é considerada *tänwa'dooto*.

TEEKE'YA: São as *wana*, um tipo de flauta muito comprida tocada em festas.

UMAAKÄ'DE: Assoprar com *awaana* para proteger de *odo'sha*.

WÄTUNNÄ: Para povo Ye'kwana, *wätunnä* são narrativas ou histórias contadas pelos sábios, que contam desde o surgimento dos seres vivos. *Wätunnä* se refere ao passado, presente e futuro. Através de *wätunnä* a comunidade organiza o modo de vida.

WAJA: Cestaria plana, redonda, utilizada para servir alimentos. Nas *waja* são trançados desenhos tradicionais, utilizando-se fibra natural e fibra tingida de tinta preta ou vermelha,

preparada a partir de resina misturada a *ködaayu* (folha que fica vermelha ao ser retirada do seu pé) ou carvão. Os padrões geométricos dos desenhos das *waja* tem significados importantes e estão relacionados às *wätunnä*.

WOI: Planta utilizada para diversas curas de doenças causadas por feitiço, é também utilizada em alguns rituais funerários como forma de vingança, uma vez que o *woi* vai atrás do responsável pelo enfeitiçamento do morto.

YAAMAJÖÖKWA: Nome do dono do inhame, conhecido pelos cantos ou rezas. É para ele que os cantores pedem permissão nos cantos, antes de consumir certos alimentos depois do nascimento do filho, depois da primeira menstruação, etc.